

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUIS YAGO BRUNO DE MOURA

A RUA DOS PRAZERES

Masculinidades, lazer e prostituição em Picos nas décadas de 1950 a 1970.

PICOS - PIAUÍ

2019

LUIS YAGO BRUNO DE MOURA

A RUA DOS PRAZERES

Masculinidades, lazer e prostituição em Picos nas décadas de 1950 a 1970.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof^ª. Dr. Francisco Glaison da Costa Monteiro

PICOS - PIAUÍ

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929r Moura, Luis Yago Bruno de.

A rua dos prazeres: masculinidades, lazer e prostituição em Picos nas décadas de 1950 a 1970. / Luis Yago Bruno de Moura.

-- 2019.

54 f.

CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Dr. Francisco Glaison da Costa Monteiro.”

1. Masculinidade. 2. Prostituição. 3. Sociabilidades. 4. Cidade de Picos,PI (História). I. Título.

CDD 301.36

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

LUIS YAGO BRUNO DE MOURA

A RUA DOS PRAZERES

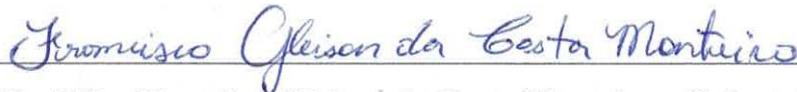
Masculinidades, lazer e prostituição em Picos nas décadas de 1950 a 1970.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof^o. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Aprovada em: 19/06/2019

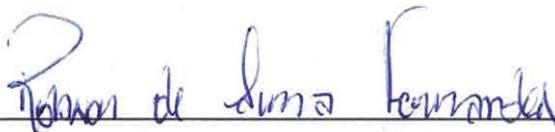
BANCA EXAMINADORA



**Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI**



**Profa. Ms. Rannyelle Rocha Teixeira- UFPI/PARFOR
Examinadora Interna**



**Prof. Ms. Robson de Lima Fernandes
Faculdade RSÁ
Examinador Externo**

PICOS - PIAUÍ

2019

O tempo é o senhor de todas as épocas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por permitir chegar até onde estou nesse momento, sempre dando forças para enfrentar com coragem e cabeça erguida as adversidades da vida.

Agradeço imensamente a meus queridos e amados pais José Luís Filho e Maria do Rosário de Fátima que com grande coragem, esforço e dedicação sempre lutaram e fizeram o máximo para proporcionar-me uma vida digna. Toda gratidão aos ensinamentos repassados por eles a mim, que com muita sabedoria e humildade me ensinaram a ser uma pessoa honesta em minhas ações. Faltariam palavras e páginas para demonstrar tamanha gratidão a ambos por terem sido as pessoas mais importantes de minha vida.

A todos que de alguma forma contribuíram ao longo dessa jornada, meus professores e amigos da educação básica, aos colegas e irmãos do grupo titãs e demais companheiros da Universidade Federal do Piauí, em especial ao “paz e amor” por todo o apoio e a todas as noites em claro, dedico minha sincera gratidão.

Por fim, meus agradecimentos aos meus entrevistados Mirian Lélis e aqueles que por motivos de anonimato não posso aqui citar os nomes, por terem tirado um tempo de suas vidas e compartilhado de suas ricas memórias da juventude, proporcionando a construção desse trabalho.

RESUMO

Neste trabalho procuro reconstruir o cenário de uma Picos que a muito foi perdida, guardada apenas nas memórias e corações dos sujeitos históricos que viveram nessa cidade durante as décadas de 1950 a 1970. Procura-se demonstrar por meio de documentos, fotografias e bibliografias a grande subjetividade dos espaços constituídos na cidade, realizando um verdadeiro flunar pela mesma. Embasando-se pelo método da História Oral procura-se analisar as memórias de sujeitos da época e com isso restaurar as vivências do período. Através das perspectivas de Michel de Certeau e de Sandra Jatahy Pesavento tenta-se compreender e destacar o papel exercido pela cidade e suas subjetividades na construção das sociabilidades, interiormente a prática da prostituição é trabalhada aqui como um elemento constituinte da masculinidade de homens e rapazes, vendo os meretrícios não como mero local de prostituição e promiscuidade, mas como ambientes de realização de sociabilidades e lazer. A construção da masculinidade foi trabalhada aqui sob a ótica do pensamento de Durval Muniz de Albuquerque Júnior e de suas ideias sobre a criação do gênero masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades, Lazer, Prostituição, Sociabilidades, Picos.

ABSTRACT

In this work it is sought to reconstruct the scenario of a Picos that much was lost, being kept in the memories and hearts of the historical subjects that lived in this city during the decades of 1950 and 1960. It is tried to demonstrate through documents, photographs and bibliographies the great subjectivity of the spaces constituted in the city, realizing a true flunar by the same. Based on the method of Oral History, it seeks to analyze the memories of subjects of the time and with that to restore the experiences of the time. Through the perspectives of Michel de Certeau and Sandra Jatahy Pesavento we try to understand and highlight the role played by the city and its subjectivities in the construction of sociabilities. On the other hand, the practice of prostitution is worked here as a constituent element of the masculinity of men and boys, seeing the meretrices not as mere place of prostitution and promiscuity, but as environments for the realization of sociability and leisure. The construction of masculinity was worked here from the point of view of Durval Muniz de Albuquerque Júnior and his ideas about the creation of the masculine gender.

KEYWORDS: Masculinities. Leisure, Prostitution. Sociabilities. Peaks.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 01** Vista de uma das vazantes do rio Guaribas, onde ribeirinhos cultivavam em canteiros diversos gêneros que eram usados como alimento e vendidos na feira de Picos..... 19
- Fotografia 02** Praça Félix Pacheco no ano de 1960, onde pode-se perceber ao centro o abrigo da mesma, espaço de socialização e de lazer da população da cidade na época. Esse referido abrigo servia como lanchonete e ponto de encontro dos jovens de picos..... 23
- Fotografia 03** Vista da Praça Félix Pacheco na atualidade, onde pode-se perceber o imenso processo de descaracterização que a mesma passou em relação aos anos 60 não se preservando os principais traços de sua estrutura original 25
- Fotografia 04** Cine Spark na década de 1960, esse que ficava situado na praça Félix Pacheco e se constituiu em um dos principais cinemas da cidade de Picos naquela época..... 27
- Fotografia 05** Rua São Pedro, um dos pontos de prostituição da cidade 43
- Fotografia 06** Rua do Arame antigo centro de prostituição da cidade de Picos nas décadas de 1950 a 1970..... 45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PRIMEIRO CAPÍTULO – A CIDADE DISCIPLINAR: SUBJETIVIDADES E SENSIBILIDADES EM PICOS NAS DÉCADAS DE 1950, 1960 E 1970	14
1.1 UM FLANAR POR PICOS: espaços disciplinados, seus usos e subjetividades	15
1.2 A PICOS DISCIPLINAR: práticas, usos e subjetividades	20
2 SEGUNDO CAPÍTULO – NO SUB-MUNDO DA CIDADE: OS BORDÉIS E AS PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE	31
2.1 A RUA DO ARAME: indisciplina, álcool, amor e sexo	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
FONTES E REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Enrijecimento de organismo potente; tipo fisicamente constituído e forte; aspecto dominador de um titã acobreado; verdadeiro pai d'égua; gritando muito e descompondo como um capitão de navio; homem bravo; homem de gênio forte; cabras se fazendo em armas com facilidade; falando sempre em mulheres; quase nus de brincadeiras uns com os outros e com os gestos dos touros, de pernas abertas e membros em riste, no deboche, na gargalhada; homem encourado, vermelho, com o guarda-peito encarnado desenhando-se o busto forte e as longas perneiras ajustadas ao revelo poderoso das pernas; uma rajada de saúde e força; músculos salientes e mãos calosas; mãos que seguram o fumo de corda e o canivete com que faz o cigarro de palha; mãos que manejam o chicote, o rebenque e a repetição, que manjam os facões, os machados e as foices, derrubando árvores e homens, jogando para longe matas, inimigos e assombrações; rostos picado de bexiga, fechados e soturnos, contraídos de raiva, que veem raios e ouvem trovões, escutam o miado das onças e o silvo das cobras; cabra macho que luta como Lampião, que enfrenta um batalhão, que trabalha de sol a sol, que de noite vai pro sermão, que reza para Padre Ciço e fala com Frei Damião; homem que prefere morrer a ser desonrado. Ser às vezes desgracioso, desengonçado, torto; andar sem firmeza, sem prumo, quase gigante e sinuoso, aparentando a translação de membros desarticulados; que, caminhando, não traça trajetória retilínea e firme; aparência de cansaço que ilude, pronta a se transfigurar diante de qualquer incidente, estadeando nova linhas na estatura e no gesto; cabeça que se firma, alta, sobre os ombros possantes, aclarado pela olhar desassombrado e forte; descarga nervosa instantânea; figura vulgar de tabaréu canhestro a se desdobrar em força e agilidades extraordinárias. Eis o nordestino.¹

Acima temos uma bela descrição da tradicional imagem do homem nordestino, um ser imortalizado nas canções, poesias e na própria memória da população brasileira, sinônimo de coragem, força, fé e muitas vezes de sofrimento de uma vida marcada pela labuta cotidiana na roça e na lida com o animal. É justamente sobre essa figura de que se trata esse trabalho, buscando compreender através da análise e do estudo das práticas de laser e sociabilidades masculinas, como se dá à construção da identidade do homem macho, sua transformação do menino de calças curtas em homem viril, provedor do lar, símbolo de autoridade, masculinidade e detentor do poder e da honra.

Portanto a intenção deste trabalho é tratar sobre a imagem dos homens e compreender como as práticas de laser e sociabilidades masculinas influenciavam na transformação do menino em homem e como essas mesmas definem a identidade masculina.

¹ ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998; CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 30. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981; QUEIRÓZ, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948; RÊGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. In ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do "falo"*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 17-18.

O interesse pelo tema se deu ainda durante o começo da graduação, quando juntamente com outros colegas realizei um trabalho de pesquisa sobre o rio guaribas, findando em um artigo, onde através das leituras para a pesquisa deparei-me com o tema da prostituição na cidade de Picos durante as décadas de 1950 e 1960 e sobre a intensa frequência do público masculino nesses bordeis, a partir dai me aprofundando cada vez mais na temática, decidi transformar meus conhecimentos sobre os lazeres e sociabilidades voltados para o publico masculino em uma pesquisa para a conclusão da graduação.

A época de recorte da pesquisa se dá durante as décadas de 1950 a 1970 na cidade de Picos no interior do Piauí. A escolha desse período se dá, pois, Picos é uma pequena cidade de interior marcada por uma intensa vida noturna que transformou essas décadas em dourados anos inesquecíveis para aqueles que as vivenciaram. Procura-se por meio de entrevistas feitas com pessoas que vivenciaram as respectivas décadas, lembrar os principais lugares de sociabilidades voltados para o público masculino da cidade, buscando focar na zona dos bordeis, lugares marcantes para a população masculina da época e que permeavam o imaginário de meninos, jovens e homens feitos.² Assim, espera-se poder desenhar a identidade masculina da época, como nos expõe claramente Durval Muniz:

O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. Figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até a mulheres são machos, sim senhor! Na historiografia e sociologia regional, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos. Mesmo em seus defeitos é com o universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade em nossa sociedade, que ele se relaciona.³

Dentro dessa perspectiva também é importante ressaltar o papel e a imagem da mulher nesse contexto, pois essa pode ser vista como um elemento de extrema importância na construção da identidade masculina, em uma perspectiva sexual, na própria transformação do menino em homem. Obviamente, não é a intenção analisar a imagem da mulher como mero instrumento nesse processo, mas expor o seu papel de participação na sociedade, definindo seu lugar nessa história e suas subjetividades.

² Sinônimo usado para se referir a homens adultos, muitas vezes já casados e que detinham uma imagem de autoridade e responsabilidade.

³ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 18.

Nesse processo o tema da prostituição torna-se um destaque na pesquisa, transformando-se no segundo objeto de análise a constituir o seguinte trabalho. Desde já fica clara a dificuldade encontrada na obtenção de fontes, já que muitas das pessoas procuradas recusaram-se a conceder seus relatos, principalmente o público feminino, haja vista que muitas delas são hoje casadas e com família (marido, filhos e netos), preferindo deixar essas páginas de suas vidas no passado e em suas próprias memórias particulares. Aqueles que porventura concederam a entrevista condicionando o anonimato terão os seus nomes preservados e substituídos por iniciais fictícias.

Vale também referenciar a grande dificuldade em definir e trabalhar os conceitos de gênero, principalmente nas já referidas décadas alvo dessa pesquisa, pois como nos mostra Joan Scott em seu texto “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” o real sentido da palavra gênero ultrapassa em muito a simples distinção biológica de masculino e feminino, e também, a sua conceituação gramatical. As questões envolvendo gênero e a grande complexidade e multiplicidade de conceituações não eram noções percebidas na sociedade picoense da época, até mesmo porque as relações e condições sociais do período estabeleciam claramente quais eram as atividades definidas para homens e mulheres.

Por esse motivo o presente trabalho procura vislumbrar uma outra perspectiva sobre a condição de gênero pois como fala Davis:

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para muda-la.⁴

Então é de extrema e fundamental importância procurar entender como o papel do sexo e do gênero definia a condição do ser masculino na sociedade da época, principalmente compreender como essas mulheres (no caso as prostitutas) ajudavam a definir a condição de masculinidade dos homens do período e dessa maneira perceber como organizava-se a sociedade no momento.

O trabalho será dividido em dois capítulos. No primeiro faremos um flamar pela Picos disciplinar, buscando caracterizar e mostrar os espaços e práticas de lazer e sociabilidades

⁴ (Natalie Zemon Davis, “Women’s History in Transition: The European Case”, *Feminist Studies*, 3 (Winter 1975-76), p.90. In SCOTT, Joan. GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. P. 03.

dirigidos aos tidos senhores e senhoras da sociedade picoense. É importante mencionar que em determinados lugares, como clubes e até mesmo na igreja a presença das prostitutas era reprimida, mas esses sujeitos não serão esquecidos e suas particularidades serão ressaltadas.

No segundo capítulo é feito um panorama dos espaços de lazer e sociabilidades da cidade voltados para o público masculino, trata-se aqui de locais reservados para homens e cuja as mulheres de família eram expressamente proibidas de frequentar, por tais locais serem vistos como um atentado a sua honra. Aqui se desenhavam os espaços dos bordeis e as zonas dos meretrícios, locais que deleitavam o imaginário dos jovens e que eram verdadeiros valhacoutos dos homens adultos que buscavam nesses ambientes anonimato, amores, prazeres carnavais, compreensão ou simplesmente degustar uma bebida acompanhada de boas músicas e encantadoras mulheres que esbanjavam sensualidades e lascívia.

1 PRIMEIRO CAPÍTULO – A CIDADE DISCIPLINAR: SUBJETIVIDADES E SENSIBILIDADES EM PICOS NAS DÉCADAS DE 1950, 1960 E 1970.

Um dos espaços mais estudados, poetizado, quantificado, desejado, odiado, amado, temido, pesquisado, evitado, procurado, planejado, coisificado, repudiado, negociado e aplaudido tem sido a cidade⁵

Quando pensamos em uma cidade, pensamos em seus vários espaços e lugares e em como esses são usados pelos sujeitos que ali vivem, nas práticas que são realizadas nas mesmas, nas vivências e experiências que os diversos sujeitos, ou seja, as pessoas que vivem e convivem nesses espaços mantêm. Podemos pensar uma cidade como um aglomerado de prédios, casas, ruas, praças, parques, bosques, enfim, espaços físicos que as constituem, por outro lado podemos enxerga-la como um lugar de convivências, de criação de imaginários como espaço de realização de práticas interpessoais, de afetividades, modos de vida, sociabilidades, relações de poder, códigos de civilidade etc.

Enxergando-as como organismos vivos que estão em constante processo de formação e que são espaços dotados de histórias, aliás, pode-se vê-la como um ser histórico, ou seja, cidades que têm vida, cidades que podem ser desenhadas, cantadas, poetizadas e até mesmo inventadas. Como nos coloca Sandra Jatahy Pesavento:

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nessa aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular; definindo um espaço construído e organizado, logo tornado icônico do urbano — torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos; a exibir sociabilidades complexas e inusitadas na aglomeração populacional que abrigavam; a ostentar a presença de um poder regulador da vida e de outro ordenador do além, na transcendência do divino.⁶

E as cidades assim se constituem, evoluindo, crescendo, transformando, em um processo de mutação iniciado pelo homem e que transforma também o próprio homem, dando-lhes características, formas, jeitos de ser, de falar, de agir, de se vestir que o tornam e distinguem-no como específicos citadinos. Como nos diz Pesavento:

⁵ SANTOS, Avacir Gomes dos. DEUS E O DIABO NA TERRA: cidades como espaços possíveis das práticas desviantes. Mercator – volume 8, número 17, 2009. P. 109. Disponível em: <http://www.Mercator.Ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/271251>. Acesso em 09/12/2014 as 02:20 AM.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. CIDADES VISÍVEIS, CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES IMAGINÁRIAS. Revista Brasileira de História, vol. 27, núm. 53, janeiro-junho, 2007. p. 11.

[...] Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.⁷

Tendo em mente essas múltiplas visões que temos sobre as cidades, neste capítulo trabalharemos a Picos disciplinar, relacionando esse conceito aos espaços da cidade que eram visitados pelos tidos senhores e senhoras da sociedade picoense, abordando então as subjetividades construídas nesses espaços relacionadas com os indivíduos, ou seja, demonstrando como essas pessoas viam, sentiam e pensavam a respeito desses espaços.

Nessa perspectiva, iremos agora fazer um passeio pela cidade de Picos durante as décadas de 1950 a 1970, mostrando as suas características e peculiaridades, descrevendo os espaços disciplinados da cidade que eram frequentados por homens e mulheres (as mulheres tidas como senhoras de sociedade), procurando demonstrar que tipos de lugares de disciplina eram esses e as formas como se constituíam e eram usados.

1.1 UM FLANAR POR PICOS: espaços disciplinados, seus usos e subjetividades

Olhando para a Picos das décadas de 1950 e 1970 vemos uma cidadezinha interiorana, pacata, pequena, de população tradicional e de uma religiosidade fervorosa, como nos apresenta Renato Duarte em seu livro *Picos: os verdes anos cinquenta*. O livro que apesar de tratar de uma década anterior ao do recorte desse trabalho, pode nos servir, através da própria obra e do depoimento dado pela Maria Domini Leopoldo Lélis de Araújo, uma senhora que viveu na cidade de Picos na referidas épocas de 60 e 70, participante da tida sociedade picoense, ou seja, enquadrada em um grupo de pessoas que eram bem vistas pelos indivíduos que formavam a mesma sociedade, vemos que as transformações da cidade de Picos durante as décadas de 1950, 1960 e 1970 não ocorreram de formas exorbitantes. De acordo com

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, vol. 27, núm. 53, janeiro-junho, 2007, p. 11.

Duarte “A vida na cidade de Picos na passagem da década de 40 para 50 tinha a pacatez e o aspecto provinciano de um aglomerado urbano quase-rural”.⁸

Sobre as transformações da cidade dos anos 50 para os anos 60 a senhora Leopoldo Lélis nos diz:

Naquela época era uma cidade, uma cidade bem menor do que hoje, mais assim pacata, porque não tinha tanto essa violência que tem agora, e era uma cidade que naquela época as mulheres, as filhas mulheres ficavam sobre o domínio do pai até se casar, se casava passava para o marido. Só dizendo isso daí já diz tudo né? [...] E era uma cidade desse jeito, que ainda era disciplinada por essa maneira, dado os pais das famílias, tinha as famílias formadas e que tinha os filhos ali com todo aquela proteção, os filhos homens não né, eram mais dispersos, mas as filhas mulheres eram mais recatadas e resguardadas até o casamento, dificilmente debandava⁹ uma assim, mais a maioria era ali naquela coisa toda do domínio dos pais né, orientação dos pais [...] agora a mudança dessa cidade veio mais depois que chegou o 3º BEC [...] em 1970 [...] mudou muito os costumes, muita gente daqui de Picos se casou com gente que vinha de lá, e você sabe o pessoal gosta de dizer, cada terra tem seu uso e cada roda tem seu fuso, o pessoal aqui gosta de dizer isso, então os costumes de lá não eram o mesmo daqui e alguns se adaptou muito a esses costumes e outros não aceitavam.¹⁰

Como coloca-nos a senhora Leopoldo Lélis as mudanças que aconteceram em Picos nas décadas de 1950, 1960 e 1970 não foram tão amplas assim, pois as pessoas que provinham de outras cidades e viviam em Picos, eram pessoas que trabalhavam em bancos ou em alguma repartição. As mudanças que vieram a modificar gradativamente a cidade com o passar das décadas, só tiveram uma maior intensificação após 1970 com a chegada do 3º BEC – Terceiro Batalhão de Engenharia e Construção, segundo o relato da senhora Leopoldo Lélis de Araújo, iniciou-se uma mudança não somente no aspecto físico da cidade que crescia, mas nos próprios costumes dos habitantes que ao longo dos anos foram aos poucos contemplando os costumes das pessoas que chegavam a cidade, logo mudando as formas de comportamento e até mesmo o falar dos habitantes de Picos. Como nos coloca a mesma:

Até mesmo essa questão de algumas palavras para dizer diferentes das que a gente tinha costume de dizer. Às vezes eu achava até que era errada a maneira de dizer, mas a pessoa dizia porque tinha muita amizade lá com as pessoas, com os que se casaram. Algumas moças daqui se casaram com as pessoas que vinham de lá e assim por diante. Essas mudanças que a gente

⁸ DUARTE, Renato. PICOS os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 39.

⁹ A palavra debandava é usada pela entrevistada para se referir as moças que se desviavam, que perdiam a sua virtude, a virgindade e conseqüentemente começavam a ser mal vistas e mal faladas pelas pessoas da cidade.

¹⁰ Entrevista concedida por Maria Domine Leopoldo Lélis de Araújo a Luis Yago Bruno de Moura. Picos, 2014.

daqui, que está aqui nota os que vem né, é mais fácil, eu acho que é mais fácil do que os que vem para aqui¹¹.

O que se pode perceber constantemente quando analisamos obras que retratam Picos das décadas de 1950 a 1970 e períodos anteriores é que ambas demonstram sempre uma visão saudosista com relação à mesma, retratando-a de uma forma que muitas vezes parece até fantasiosa, quando comparada a sua estrutura atual é nítido principalmente o sentimento de saudade demonstrada por esses sujeitos, por exemplo, quando perguntado a senhora Leopoldo Lélis de Araújo se sentia saudades de Picos nas décadas de 1950 e 1970 ela nos deixa bem claro:

Sinto, porque aqui tinham algumas coisas que hoje acabou, tinha o cinema, que não tem mais né, tinha aquela, o, tinha o Domerval moreno que era o, a pessoa que cuidava do tiro de guerra, ele tinha uma sorveteria que era muito social, a gente ia para lá tomar sorvete, juntava ali aquelas amigas e tudo, tinha a praça, tinha o rio que era um rio perene e que a gente tomava banho a vontade, eu aprendi a nadar nesse rio aí por incrível que pareça, você acredita? Pois então eu aprendi a nadar aí nesse rio. Era um rio perene, não era um rio de volume muito grande d'água, mais vinha a época das enchentes e passava um bom tempo com aquela água que dava para você tranquilamente tomar banho, nadar.¹²

Falamos então de uma Picos que deixou de existir em algumas de suas práticas e costumes, modificados ao longo dos tempos, mas que continuam a existir na memória de seus moradores mais antigos, pessoas que viveram os verdes anos de uma cidade não tão grande, mas que tinha muito a oferecer. Uma cidade de costumes que não podemos afirmar únicos, mas que por não serem praticados nos dias atuais, se tornaram muitas vezes até inusitados, como nos apresenta Renato Duarte.

Um costume saudável e que dava colorido às manhas picoenses era o banho de sol, que levava para as ruas as pessoas idosas e as crianças, principalmente. Com o nascer do sol, os criadores de pássaros levavam para o meio das ruas as suas gaiolas, para o banho de sol das aves e para as brigas de canários. Sem tráfego de veículos, os donos dos pássaros transformavam as ruas em verdadeiras arenas, onde as aves se engalinhavam, e os seus proprietários e os demais espectadores faziam as suas apostas. Essas cenas dão bem uma ideia de quão quieta e provinciana era a vida na cidade no limiar dos anos 50.¹³

¹¹ ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014.

¹² ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014.

¹³ DUARTE, Renato. Picos: os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 45-46.

É importante lembrar que grande parte dessas características perdurou durante as décadas de 1950 a 1970, podemos imaginar como era o cenário da vida de Picos nesses momentos, costumes de uma cidade tradicionalmente pequena do interior do Nordeste, formas de se relacionar, modos de convivência que deixaram de existir, pois hoje não podemos perceber a continuidade dessas práticas. A Picos de antes: pequena, pacata e provinciana, cresceu e se tornou um centro agitado, com manhãs movimentadas e um vai e vem de pessoas, cruzando as ruas, calçadas e avenidas em um ritmo tão acelerado e com preocupações diversas, que nem mesmo têm tempo de observar a sua volta (processo esse muito comum em cidades que passam por um processo de crescimento urbano e modernização) significando aos espaços, como coloca de Certeau “voyeurs ou caminhantes”, sujeitos que andam pela cidade sem percebe-la, pessoas que estão em constante queda, ou seja, que não a observam do alto, contemplando a sua grandiosidade, que não veem os contrastes entre seus meios.

Enxergar a cidade de cima seria então segundo Certeau, o desenlaçar o corpo das ruas que o fazem girar conduzidos por uma lei anônima, mas, porém, dominante, tornando-se então esse indivíduo em um espectador, esse “acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim”¹⁴. Sua elevação transfigura-o em voyeur, deixa-o distante dos caminhos e percursos que formam e inter cruzam a cidade, vindo esse indivíduo a desempenhar o seu papel nessa estrutura a partir do momento de sua queda.

Mas “em baixo” (*down*), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, Wandersmänner, cujo o corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e inter cruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente. Outra.¹⁵

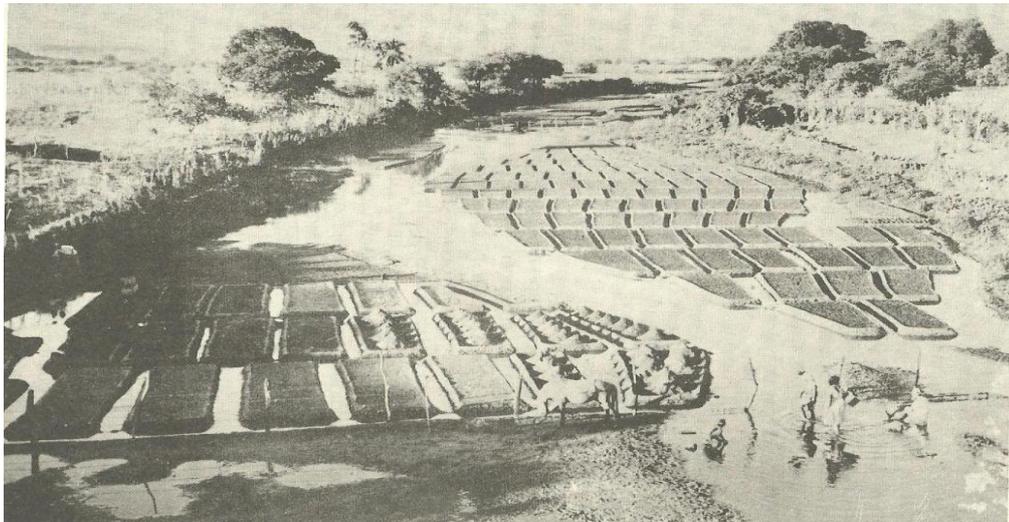
Voltando-nos novamente para o cenário da cidade nas décadas de 1950 a 1970, podemos ver uma Picos de riqueza imensurável, dada principalmente pela fertilidade do rio

¹⁴ CERTEAU. Michel de. A INVENÇÃO DO COTIDIANO: as artes de fazer. 3º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 170

¹⁵ CERTEAU. Michel de. A INVENÇÃO DO COTIDIANO: as artes de fazer. 3º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 171

Guaribas, que era naqueles anos seu pulmão, servindo como fonte de abastecimento de água para a cidade e de onde muitas pessoas retiravam seu sustento, através de plantações feitas ao longo de seu leito como tomates, cebolinhas, arroz, alho entre outros gêneros. Sobre isso Renato Duarte nos diz.

A parte do rio Guaribas que tinha essa influência mais direta para a cidade era aquela que se estendia da localidade chamada Catavento, a nordeste, até a Passagem das Pedras, a sudeste. Em termos de influência econômica para a cidade, havia uma espécie de divisão, de seccionamentos, do leito do rio. Alguns trechos, correspondentes a propriedades particulares, eram dedicados a culturas de vazante realizadas durante o verão, como alface, coentro, cebolinha, cebola e, sobretudo, o alho, de que o município chegou a ostentar, por vários anos, o título de maior produtor nacional. Outros trechos do rio, de uso público, chamados de **passagens** – porque faziam a ligação da área urbana com os caminhos que levavam às terras que se espriavam pela margem esquerda do rio – eram áreas de aglomeração humana durante todo o dia, pois era dali que muitas pessoas humildes retiravam o seu sustento. Era nesses trechos do rio que os carregadores d'água enchiam as ancoretas¹⁶ que, nos lombos de jumentos, iam abastecer a cidade. Era um constante vaivém de tropeiros tangendo os animais, cada jumento carregando duas ancoretas, no intenso trabalho de transportar água até à cidade [...]¹⁷



Fotografia 01 Vista de uma das vazantes do rio Guaribas, onde ribeirinhos cultivavam em canteiros diversos gêneros que eram usados como alimento e vendidos na feira de Picos.¹⁸

O rio Guaribas tem o papel de destaque na memória e na vida dos picoenses, pois a cidade foi praticamente construída aos seus entornos e fazendo uso de seus recursos. Na imagem acima podemos ver culturas de vazantes que existiam ao entorno de quase todo o leito do rio, essas culturas agrícolas eram de extrema importância para a economia da cidade

¹⁶ Recipiente feito através do pneu de carros e que é muito comum na microrregião da cidade de Picos. Geralmente é usado para transportar água e é colocado no lombo (nas costas) de jumentos.

¹⁷ DUARTE, Renato. Picos: os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 18

¹⁸ DUARTE, Renato. Picos os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 25.

pois tais produtos além de se constituírem gêneros de subsistência para a população mais pobre da cidade, movimentavam a intensa vida e a prática comercial da feira livre da Picos, por esse motivo o rio é quase sempre relatado e homenageado nos escritos sobre a cidade, por vezes, cantado, poetizado e celebrado. Pode-se perceber tal fato na crônica apresentada no Jornal de Picos, edição de nº 253 que está contido na obra Vozes da Ribeira, que diz:

GUARIBAS

Água cristalina e pura mensamente descia em busca do ribeirão maior, levando consigo a linfa generosa que saciava a sede. Quantos brincaram no leito do Guaribas? O rio atravessa as cidades para alcançar os confins das Aroeiras rumo a serra da Atalaia. Nas suas margens as lavadeiras a trabalhar no afã diário de lavar roupas das famílias mais abastadas. Cícero Mota, que ficara famoso pela língua destravada sob os efeitos do álcool, ali fabricava adobes para fornecer aos senhores Adalberto, Dagoberto e Piau, que foram os pioneiros na construção de casas populares em picos.

O Guaribas, desce a sua nascente até à confluência com o rio Canindé, recebe o Riachão que vem das bandas de Francisco Santos e se junta ao rio Itaim que vem das bandas de Itainópolis, além de outros córregos de menor curso. Era água a correr dia e noite. Seca e verde. Dessa água serviam-se os moradores das margens do Rio. A fartura de água era coisa notada por todos aqueles que aportavam à cidade, que se tornara famosa pela qualidade da água, a mesma água que descia pelo Guaribas.

Recordações... qual o ribeirinho que não brincou nas areias do velho Guaribas? Várias gerações, acredito.¹⁹

Fica perceptível o sentimento saudosista para com o rio Guaribas, rio que desempenhou grande função em décadas passadas para a cidade de Picos e servir como área de lazer para seus habitantes.

1.2 A PICOS DISCIPLINAR: práticas, usos e subjetividades.

Como espaços disciplinados podemos colocar aqueles que dentro da cidade de Picos nas décadas de 1950 a 1970 eram frequentados pelas pessoas da sociedade. O conceito “pessoas de sociedade” citado está relacionado a questões de distinção, pois como nos esclarece a senhora Leopoldo Lélis de Araújo, formavam a sociedade picoense aqueles indivíduos que pertenciam as famílias mais tradicionais ditas pessoas de “bem” e “honradas”, indivíduos que, como nos relata a entrevistada, moravam no centro da cidade de Picos, principalmente aos arredores da praça Félix Pacheco, geralmente possuidores de um poder aquisitivo elevado. Eram esses os sujeitos vistos como pessoas de “bem”, de “família” e

¹⁹ LEAL. Firmino Libório (org). Vozes da Ribeira: crônicas. Edição do autor. Bocaina, 2008. p. 35

“honradas”, conceitos esses que na fala da senhora Lélis, parecem se misturar e eram usados para se referir as pessoas distintas da época. Sobre isso a supracitada nos fala:

Há honradez a gente sabe o que é né, aquela pessoa que não se mete em confusão, em roubalheira, nessas coisas erradas, que a gente considera errada né. Que a pessoa dizer, não fulano é uma pessoa de bem e saber que aquela pessoa pratica certas coisas que num, que está longe de ser uma pessoa de bem [...] a pessoa que, que não é de bem, mas fica fazendo coisas erradas, é, um homem por exemplo casado ficar prostituindo²⁰ as filhas de um cidadão de bem, naquela época que as moças não eram tão bem informadas como é hoje, a sedução vinha mais era do homem.²¹

Percebemos então que essa noção de sociedade é dada de uma forma excludente, pois ela afasta e marginaliza grupos, como as prostitutas, e em certas ocasiões, pessoas mais pobres, grupos esses que também formavam o universo social da cidade de Picos nas já referidas décadas, pois como realça senhora Leopoldo Lélis de Araújo, a população mais pobre da cidade viva em zonas mais afastadas do centro, em áreas próximas a algumas regiões do rio Guaribas e em locais próximos a encostas de morros. Sobre esses fatores a própria senhora Lélis e também Renato Duarte nos fala em quais áreas essa população mais pobre vivia e algumas das funções que desempenhavam.

I

[...] A noroeste ficava um aglomerado de casebres chamados de **Pé-do-Morro**²², que era uma das três periferias onde viviam os pobres da cidade. [...] A sudeste, na área situada entre a atual rua Marcos parente e o bairro da Trizidela – esta a segunda periferia onde vivia a população pobre da cidade [...]²³

II

Naquele tempo era comum as pessoas mais pobres sempre trabalhavam para aquelas que tinham, mas condições, uns como sempre assim, uns davam uma condição melhor aquelas pessoas que lhe ajudavam, que eram mais pobres e outros não, queria sempre, como o pessoal diz, explorar, mas isso aí era uma coisa relativa, tinha aqueles que davam todo apoio, tinha aqueles que não davam, mas normalmente a população mais pobre vivia de ajudar os que tinham mais condições para poder serem pagos e sobreviver.²⁴

²⁰ A palavra *prostituindo* é usada pela entrevistada com o sentido de que não era correto os homens casados ficarem seduzindo as moças de famílias, causado então desavenças entre essas e o seu âmbito familiar e fazendo as mesmas ficarem mal vistas pela sociedade, que como já falado se constituía tradicionalista nas décadas de 1950 à 1970.

²¹ ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014.

²² A população da época geralmente chamava essas regiões da cidade de Picos que ficavam nas proximidades de encostas de morros de *pé do morro*, justamente os locais que eram habitados por pessoas mais pobres e onde ficava também situado os meretrícios da cidade.

²³ DUARTE, Renato. Picos os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 24-26

²⁴ ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014.

Quando pensamos em sociedade picoense, temos que pensá-la em integração com os diversos espaços que constituíam a cidade de Picos. Nesse primeiro momento focaremos nos espaços que eram frequentados pelas pessoas da “sociedade picoense” e que eram terminantemente proibidos, por exemplo, as prostitutas, qualquer pessoa que não fosse “honrada” ou que não segue os padrões de comportamento da época.

Um fato em questão é como compreender os espaços que compõem a cidade, as suas utilizações e significações. Compreender a cidade e os seus espaços é mais do que simplesmente descrevê-la geograficamente, atentando-se somente a questões estruturais ou dando ênfase as suas características físicas. A intenção é mostrar esses espaços como áreas de convivência, construção de relações interpessoais dotados de sensibilidades procurando-se então dar voz aos fatos e acontecimentos que marcaram e que imprimiram as subjetividades locais.

Quando pensamos esses ambientes de sociabilidades disciplinados, estamos pensando em áreas que quando trazidas para a realidade de Picos nas décadas de 1950 a 1970, eram frequentadas geralmente pelas pessoas mais abastadas da sociedade. Eram ambientes em que esses setores da população se relacionavam, se distraíam e socializavam, havendo a exclusão dos setores marginalizados.

Como principais locais de construção dessas sociabilidades podemos dar destaque a Praça Félix Pacheco, situada no centro da cidade de Picos, principal praça da época, os cinemas como o Cine Spark, os clubes sociais como o picoense clube, as igrejas e alguns bares, são espaços que serão descritos a seguir. Sobre a praça Duarte nos diz:

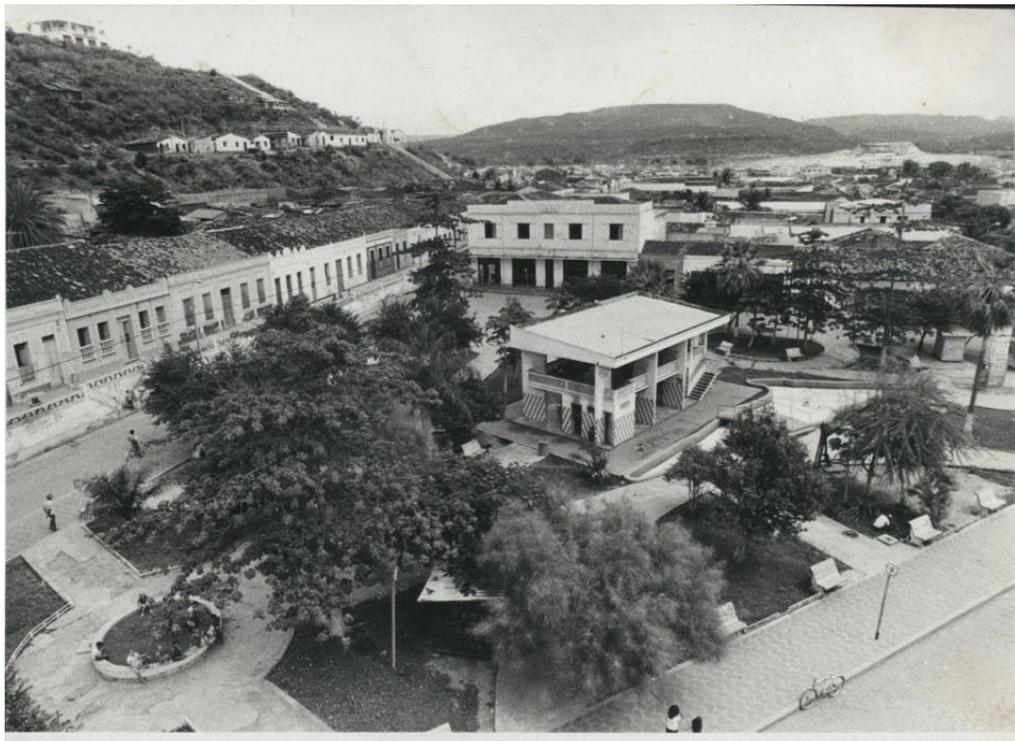
A praça Félix Pacheco, além de ser, então, o único jardim público da cidade, combinava as funções de área comercial e residencial com a de local de socialização dos Picoenses. [...] O passeio público e paredão formavam um conjunto arquitetônico homogêneo e bonito. O jardim – que tinha área maior do que a atual – continha todos os elementos próprios de uma praça como área de lazer e como espaço de socialização: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros gramados, bancos.²⁵

Sobre a mesma a senhora Leopoldo Lélis de Araújo rememora:

[...] aquela praça ali era [...] muito bonita, muito bem cuidada, tinha aquela planta chamada figueira, mas era, tinha aquelas pessoas que cuidava e ficavam todas assim redondinhas do mesmo tamanho, bem iluminada, tinha os bancos, então a noite já sabia, moças, rapazes iam pra lá, os que já tinham namorada iam ficar lá dentro da praça, mais perto, assim conversando e as

²⁵ DUARTE, Renato. Picos os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 31.

outras ficavam ali passeando pra ver quem era, qual era o seu né [...] pois é eu comecei a lamentar muito porque essa praça pelo que eu sei foi construída em 1942, pelo que via falar e sempre foi uma praça muito bonita, mas depois alguns prefeitos começaram a mudar tiravam um pedaço, as plantas não eram as mesmas, tinha um coreto porque a banda de música ia tocar lá, que eles chamavam de retreta, ai ficava as mocinhas por ali, os rapazes dançando ali ao redor, era o centro das, que a gente se divertia né, era muito bom ai começou a mudar, teve uns que fizeram um abrigo, outros já derrubaram esse abrigo fizeram uma fonte, ai começou a mudar tudo né, então a gente que conheceu daquela primeira forma como era muito bonita a gente lamenta né e sente saudade da primeira que era aquela mais bem cuidada.²⁶



Fotografia 02 Praça Félix Pacheco no ano de 1960, onde pode-se perceber ao centro o abrigo da mesma, espaço de socialização e de lazer da população da cidade na época. Esse referido abrigo servia como lanchonete e ponto de encontro dos jovens de picos.²⁷

Fica perceptível com a imagem acima e com as memórias relatadas tanto por Renato Duarte, quanto pela senhora Leopoldo Lélis de Araújo que a praça Félix Pacheco, principal ponto de encontro e de sociabilidades da população picoense nas décadas de 1950 a 1970, foi ao passar dos anos transformando-se através de um processo de descaracterização, pode-se perceber mudanças nas práticas e utilizações dos espaços nas já citadas décadas de 1950, 1960 e 1970. Era muito comum a população se reunir ao seu entorno e passar uma parte da noite conversando, com crianças brincando em seus arredores, coisa que era possível, principalmente

²⁶ ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014.

²⁷ OLIVEIRA. Karla Íngrid pinheiro de. A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 33.

na década de 1950 as ruas que ficavam ao entorno da praça Félix Pacheco, não eram calçadas e o trânsito de veículos na cidade nesses anos era ínfimo, para dizer quase nenhum.

Outra prática realizada era o encontro de jovens que se reuniam a noite para conversarem, irem ao cinema quando esse tinha sessões ou para a sorveteria. Como nos coloca Duarte, a noite os rapazes faziam espécies de corredores nos dois lados da praça e ficavam observando as garotas passarem no passeio eram práticas bem comuns, mas que demonstram as vivências e sociabilidades da pacata Picos das décadas de 1950 e 1970, da simples troca de olhares entre rapazes e moças durante os momentos que elas cruzavam a praça aos olhos atentos dos rapazes, surgiam namoros e romances podendo culminar em casamentos. A Praça Félix Pacheco com certeza é um dos pontos da cidade de Picos que ficou guardado na memória e nas lembranças dos senhores, senhoras, jovens rapazes e moças que viviam na pequena Picos daqueles dourados anos. Como nos fala Oliveira:

[...] A Praça Félix Pacheco, nesse sentido, era um campo de atração dos jovens no espaço da cidade. Era nela onde se experienciavam grande parte das práticas juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça. A cidade nos anos sessenta tinha a praça como o seu ponto principal de sociabilidades. Uma praça de formato triangular, com um enorme jardim, que apresentava desde floridas roseiras e plantas rasteiras, a árvores de grande porte como carnaubais, que se balançavam no encontro com o vento. Os bancos ficavam ao lado dessa vegetação, proporcionando aos seus frequentadores uma sensação de ar puro e um maior contato com a natureza. [...] ²⁸

Essa mesma praça hoje assume uma geografia muito diferente, tanto no seu aspecto físico, como nas suas utilizações e práticas. Hoje as ruas que ficam ao seu redor não são mais como antigamente, repletas de casas, mas sim de estabelecimentos comerciais, ruas sempre cheias de muitos carros e de uma movimentação incessante durante o dia e parte da noite. A noite a população não se senta ao seu entorno, em suas casas, ou na extensão de suas ruas para conversar, a praça de agora é repleta de estabelecimentos e trailers que são usados para a venda de alimentos. Aquele cuidado e beleza que nos é relatado por Duarte e a senhora Leopoldo Lélis de Araújo não pode mais ser vista na mesma, o coreto que ali existia, assim como também o abrigo e a fonte luminosa não fazem mais parte de sua geografia, por advento do aumento da violência, que cresceu juntamente com a cidade, a própria população evita andar na referida praça a partir de determinadas horas.

²⁸ OLIVEIRA, Karla Íngrid pinheiro de. A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 31.



Fotografia 03 Vista da praça Félix Pacheco na atualidade, onde pode-se perceber o imenso processo de descaracterização que a mesma passou em relação aos anos 60 não se preservando os principais traços de sua estrutura original.²⁹

Outros pontos frequentados pela população de Picos eram os bares, cinemas, sorveterias e igrejas, locais que ficavam situados próximos a praça Félix Pacheco e terminavam por se integrar e complementar o seu espaço. Os cinemas eram uma atração que chamava a atenção tanto dos jovens quanto dos adultos.

Durante os anos de 1950 Renato Duarte nos informa da existência de dois cinemas em Picos, o que já pode ser considerado muito para uma população que na época chegava a mais ou menos 5 mil pessoas, são esses os Cine Guarany e Ideal. As sessões de cinema que eram realizadas durante alguns dias da semana e nos finais de semana, principalmente aos domingos, atraíam os aficionados e apaixonados por essa arte marcando de forma significativa a vida de jovens, crianças e adultos que viajavam nas diversas histórias que representadas nas telinhas. Renato Duarte nos dá uma lista de algumas das atrações que eram exibidas nesses respectivos cinemas.

[...] Patrulhas de Bataan; O Filho de Lassie; As Aventuras de Dom Juan; Sangue e Areia; Patrulha de Santa Fé; Capitão Blood; Anos de

²⁹ Fonte: http://portalopovo.com.br/noticia_detalle.php?id=10816. Acesso em 22/01/2015 as 11:04 PM

Ternura; Carmen; Êxito Fugaz; e os filmes nacionais Poeira de Estrelas; A Sombra da Outra; Tico-Tico no Fubá; O Ébrio. [...] ³⁰

Segundo Duarte a distribuição dos filmes era irregular devido as péssimas condições das estradas e também do isolamento de Picos em relação a outras regiões do país, no mais, o cinema trazia um grande impacto a população da provinciana Picos, fazendo-a entrar em contato com costumes e histórias que em sua grande maioria não faziam parte do seu universo, o contato com tramas de guerras, piratas, faroeste americano, ficções científicas, histórias que, como supracitadas, eram alheias ao seu mundo. Sobre isso pode-se citar o exemplo que Karla Pinheiro, onde a autora nos conta que muitas vezes o cinema começou a ditar novas regras na moda e nos comportamentos das moças picosenses da década de 1960, sobre isso ela nos fala:

Desde o início do século XX, os cinemas vêm ditando moda no mundo todo e na cidade de Picos, na década de 1960, não foi diferente. As mulheres passaram a imitar os modelos de roupas das atrizes famosas, passaram a copiar o jeito de andar e também de se expressar dessas figuras cinematográficas.

O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário feminino ligado às relações amorosas. As jovens, sonhavam em viver um romance de cinema, com um príncipe encantado, para viverem felizes para sempre, assim como sugeriam os filmes de amor. Algumas mulheres casadas, passaram a comparar e, até mesmo, a desprezar os maridos por causa dos galãs [...] ³¹

Outro cinema que também teve grande destaque na Picos da década de 1960 foi o cine Spark, esse que funcionava na praça Félix Pacheco, onde atualmente fica situado o prédio da igreja universal. Como nos coloca Karla Ingrid Pinheiro:

[...]as exhibições eram feitas todos os dias, no horário da noite e nos finais de semana eram duas sessões diárias, uma à tarde e outra à noite. De acordo com Oneide Rocha, existia filmes em que a fila de entrada para o cinema chegava até a praça Félix Pachêco, localizada do outro lado da rua. [...] ³²

Isso demonstra o quão era importante é o cinema para a população de Picos, constituindo-se em um dos espaços de lazer da cidade nos anos 1960 e 1970. Porém esses não

³⁰ DUARTE, Renato. Picos os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 69.

³¹ OLIVEIRA. Karla Ingrid pinheiro de. A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 51.

³² OLIVEIRA. Karla Ingrid pinheiro de. A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 37.

eram frequentados e desfrutados por todos, pois umas boas partes da população da cidade formada por agricultores, sem grandes condições sociais, não conseguiam comprar os ingressos, ficando muitos jovens do lado de fora do cinema espiando as exhibições dos filmes como nos diz Karla Íngrid Pinheiro.



Fotografia 04 Cine Spark na década de 1960, esse que ficava situado na praça Félix Pacheco e se constituiu em um dos principais cinemas da cidade de Picos naquela época.³³

Outro espaço que era frequentado e que tinha uma grande representação para a população da Picos das décadas de 1960 e 1970 eram as igrejas³⁴, essas eram um dos principais pontos de encontro das famílias picoenses que tradicionalmente assistiam as missas e novenas em épocas de festejos das paróquias e nas datas sagradas. Como observado por Duarte, na semana santa em meio a procissão dos passos, reunia-se uma multidão de pessoas nas ruas picoenses, uma demonstração da fé e devoção do povo da cidade.

Os clubes sociais onde pode-se dar destaque ao picoense clube, também eram pontos de encontro da sociedade, que se direcionavam a eles nas manhãs de domingo após o ofício religioso para as matinais embaladas ao som de vitrolas e por vezes de bandas locais, como retrata Duarte:

³³ OLIVEIRA. Karla Íngrid pinheiro de. A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 37.

³⁴ As igrejas citadas aqui como ponto de constante visitação da população da cidade é a igreja matriz de Picos e a do sagrado coração de Jesus, ambas igrejas católicas já que a grande maioria da população da cidade nas décadas de 1950, 1960 e 1970 eram católicos apostólicos romanos.

O **matinal** no clube constituía-se em um momento muito especial de socialização dos jovens da chamada sociedade picoense. [...] os **matinais** no clube costumavam despertar a curiosidade de algumas pessoas, que se postavam nas calçadas do clube para, através das janelas, apreciarem o baile. [...]³⁵

Sobre esses espaços Karla Pinheiro nos diz:

O espaço para festas mais lembrado pelos atores sociais desta pesquisa era a *Sociedade Civil Picoense Clube*, conhecido apenas como *Picoense Clube*. Situava-se, nos anos 1960, na Rua Monsenhor Hipólito e servia como palco tanto para artistas nacionais, quanto para artistas locais se apresentarem. Os dois principais conjuntos musicais da cidade que agitavam as tertúlias eram *Os Leões* e *Os Rebeldes*, formados por jovens picoenses influenciados por artistas internacionais como The Beatles, Rolling Stones e pela Jovem Guarda, que despontava no cenário musical brasileiro. [...]³⁶

Os bares eram outros pontos de encontros, frequentados principalmente por homens que jogavam sinuca, bebiam e conversavam, esses bares tornavam-se verdadeiros santuários, onde os homens da sociedade picoense interagiam. Alguns desses bares eram de uso exclusivo do público masculino, as mulheres por questão de padrões e costumes da época não tinham acesso, pois não era de bom tom para uma senhora ou uma jovem de sociedade ser vista em lugares frequentados majoritariamente por homens, isso poderia manchar a honra da moça e fazê-la ficar mal falada, causando horror a sua família, principalmente quando se tratava das jovens casamenteiras.

Na Picos dos anos de 1950, 1960 e 1970 as mulheres ainda eram submissas ao domínio dos homens, sendo essas impedidas de realizar práticas que eram vistas como liberais ou impróprias para época, privando-as de sua liberdade. Um dos bares mais famosos da cidade e que era frequentado somente por homens era o Bar do Pipoca, sobre ele Karla Pinheiro nos diz:

[...] alguns bares, na cidade de Picos, eram locais essencialmente frequentados por homens. O mais famoso deles foi o *Bar do Pipoca*, ponto de encontro dos boêmios, localizado em frente à Praça Félix Pacheco. Aberto dia e noite, o *Bar do Pipoca* era um local onde os rapazes se encontravam com os amigos para *jogar conversa fora*, beber, fumar e jogar os mais diversos jogos de azar. Se reuniam ainda para escutar as histórias

³⁵ DUARTE, Renato. Picos os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. p. 39. p. 67.

³⁶ OLIVEIRA, Karla Ingrid pinheiro de. A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 44-45

dos contadores de lorotas, para tocar violão e se divertirem longe da presença feminina.³⁷

Todos esses ambientes descritos da cidade de Picos, os bares, a praça, os clubes sociais, a igreja e etc., são espaços disciplinados da cidade, espaços frequentados pela sociedade picoense, mesmo que alguns deles não fossem permitidos às mulheres. Todas essas áreas tem uma coisa em comum, e não é somente o fato de serem frequentados pela sociedade, mas a proibição da livre circulação das mulheres entendidas como mulheres de vida livre, as prostitutas. Com isso pode-se perceber que a sociedade picoense das décadas de 1950, 1960 e 1970 segregava essas mulheres em ambientes afastados do centro da cidade, para que as mesmas não se misturassem com as tidas “pessoas de bem” e evitando que as jovens picoenses de família, mantivessem contato com essas mulheres de vida imprópria evitando sua corrupção.

Vale lembrar, mais uma vez, que essa pesquisa ambienta-se em uma cidade no interior do Piauí, no limiar dos anos 1950 até 1970, épocas em que a sociedade era mais conservadora em relação aos padrões atuais, essa mesma sociedade então ditava certas regras com relação a preservação do corpo da mulher e também de sua pureza, não era bem quisto, nem pela sociedade e nem pelos pais das famílias picoenses, que suas filhas fossem vistas andando ou somente perto dessas mulheres de conduta imprópria e indecentes, podendo colocar em questão a honra de suas filhas.

As prostitutas não tinham permissão de frequentar os bailes nos clubes, andar na igreja durante as missas, participar das festas das paróquias, frequentar os cinemas ou a praça, sobre isso a senhora Leopoldo Lélis de Araújo nos fala:

[...]elas vinham sempre assim no centro da cidade, mas num horário comercial, à noite, igreja, essas coisas ninguém nunca via não, era a coisa mais difícil. [...] é como eu lhe disse, era a água e o óleo, não se juntavam, podiam juntar os homens, as mulheres não.³⁸

Pode-se notar que a população não via as prostitutas como sujeitos históricos e sociais que integraram e fizeram parte da história dessa cidade, não eram consideradas como pessoas que compunham o ciclo social da cidade de Picos, como nos diz a senhora Leopoldo Lélis de Araújo:

³⁷ OLIVEIRA, Karla Íngrid pinheiro de. A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 62.

³⁸ ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014.

Não, até mesmo que tinha algumas senhoras que nem gostavam delas porque sabiam que os maridos andavam por lá, tinha algumas que, agora o que aconteceu não são muitos casos, mais alguns poucos casos, que teve homens que delivra, as vezes ficavam viúvos tiravam mulher de lá para se casar.³⁹

Com isso pode-se perceber que existia um sentimento de desprezo por parte de algumas mulheres da sociedade picoense em relação as prostitutas, que podiam ser vistas por essas como inimigas e concorrentes, podendo a qualquer momento usurpar seus maridos, homens esses que podiam frequentar os bordeis atrás da afirmação do seu papel de homem, ou simplesmente atrás de prazeres carnis que eles, mesmo casados, não podiam manter com suas mulheres, pois como nos coloca Karla Pinheiro:

[...] as relações sexuais antes do casamento era algo comum para os rapazes, que procuravam as *meretrizes* e com elas se envolviam em relações libidinosas, não permitidas com as *moças para casar*. Mesmo após o casamento, a sexualidade entre marido-mulher configurava somente como função de procriação. A valorização do prazer era possível apenas nos prostíbulos.⁴⁰

Com isso pode-se perceber alguns dos motivos pelos os quais esses homens procuravam os espaços dos bordeis, não sendo o único motivo cabível, questão que será analisada em capítulo posterior. Quando ocorria um casamento com alguma das prostitutas, isso causava grande impacto na população da cidade, a senhora Leopoldo Lélis de Araújo nos diz que a sociedade inicialmente reagia com frieza, não era permitido contato ou sequer proximidade, mas com o tempo a fúria cessava, pois inicialmente os homens que haviam se casado com prostitutas não levavam suas esposas até os ambientes que eram frequentados pelas senhoras e senhores da sociedade, mantendo-as mesmo depois de casadas, em um certo distanciamento em relação as senhoras de bem da sociedade picoense.

³⁹ ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014.

⁴⁰ ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2014. p. 58.

2 SEGUNDO CAPITULO – NO SUB-MUNDO DA CIDADE: OS BORDÉIS E AS PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE

Às 20:00 horas de sábado, até então uma noite comum, sentado com amigos degustando uma boa cerveja, olhando o transitar dos carros e das pessoas, temos uma conversa que aborda vários assuntos, esses que se complementam e ajudam a adocicar os ares calmos do final de semana, versando desde o bom futebol até um dos mais agradáveis dos assuntos, as mulheres e sua admirável beleza, a noite se aprofunda e juntamente com ela as conversas e a cerveja que são agora acompanhadas de boa música ao vivo, embalando a madrugada e a boa companhia.

O centro da cidade de Picos era um local visitado constantemente por jovens e famílias podendo ser interpretado como um espaço da cidade onde ocorre a realização de práticas disciplinares aceitáveis socialmente. Cria-se no âmbito de uma única cidade, um paralelo entre uma cidade disciplinada e outra indisciplinada, de práticas pífidas e costumes anticonservadores⁴¹, espaços esses que são vivenciados por boêmios, homens que não apenas vivem a noite a despi-la, mas que a cultuam.

O centro de Picos pode ser visto como um local da realização de práticas lícitas e disciplinares. Como nos expõe Bernardo:

(...) O centro é então, visto como um espaço de práticas lícitas e disciplinares, de agentes de maior poder aquisitivo e de higiene física e moral, em detrimento das margens, física e socialmente periféricas, duplamente marginal, como lugar de pobreza, de caos, de prostituição, de sujeira e de violência (...)⁴².

Essa lógica aplicada por Bernardo podia ser vista também em Picos durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, quando percebemos que o centro da cidade era rodeado por casas de famílias. A feira funcionava durante o dia e tinha seu maior movimento aos finais de semana, a praça Félix Pacheco, grande reduto dos jovens no período e a igreja, símbolo máximo da religiosidade da população. O centro da cidade era um ambiente de disciplina, frequentado pelas famílias e a sociedade que faziam uso de seus espaços, cinemas, sorveterias, bares, longas noites conversando nas calçadas com os vizinhos enquanto as crianças corriam nas

⁴¹ O sinônimo “anticonservadora” é usado pela cidade de Picos nas referidas décadas citadas nas pesquisas ser uma cidade marcada por uma população de religiosidade muito forte, o que a fazia prezar por uma tida boa conduta social e moral.

⁴² SÁ, Bernardo Pereira de. CARTOGRAFIAS DO PRAZER: Boemia e Prostituição em Teresina (1930-1970). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2006. P. 55-56.

ruas. Já nas margens encontramos justamente as zonas de pobreza, caos e prostituição da pequena cidade interiorana, a zona do baixo meretrício ficava localizada em um local conhecido como “pé do morro” pela população, região habitada pelas famílias mais pobres da cidade.

Agora, com o decorrer da noite no centro da cidade, frequentado por famílias que juntamente com seus entes queridos procuram um lugar mais tranquilo para aproveitar a primeira parte da noite, ela começa, com o chegar da doce e silenciosa madrugada, a esvaziar, silenciando-se e sendo coberto pela calmaria que aos poucos vai lhe consumindo.

Saímos então os três do já referido local e seguimos a procura de mais animação, quando então passamos em frente a uma das casas noturnas da cidade de Picos, vemos nesse ambiente um movimento de pessoas que se divertem, conversam, ouvem músicas e decidimos então parar, o movimento nesse determinado ambiente já é conhecido e apreciado por muitos, mas ao mesmo tempo é temido e repudiado por outros tantos. Esse local enquadra-se perfeitamente na segunda descrição sobre os espaços da cidade feita por Bernardo, encontramos-nos então nas zonas periféricas de Picos no tempo presente, em um dos setores marginalizados, demonizados pela sociedade e maculado pela prostituição.

Porém todo espaço apresenta sua dicotomia e com isso podemos pensar essas zonas periféricas como espaços de realização de sociabilidades, um ambiente onde homens vão em busca de animação, amor, compreensão ou somente para conversar, ouvir uma música vendo belas mulheres desfilando e dançando sensualmente em sua frente, por vezes em cima de suas próprias pernas. Homens que vão até lá atraídos pela sobriedade do ambiente, ou pela curiosidade de conhecer o mesmo, sujeitos que muitas vezes buscam a satisfação de desejos através do gozo proporcionado pelo prazer carnal, gozo esse que vem a se manifestar em gemidos, sussurros, gritos, mordidas, beijos, carícias, abraços e outros tantos sentimentos e gestos que estão envolvidos nessas relações.

Esse ambiente é geralmente muito conhecido entre o público masculino, um local muitas vezes de afirmação da masculinidade. Como Bernardo afirma:

I

Os bares eram um negócio para os proprietários, um trabalho para os garçons e um refúgio para os boêmios. Trata-se de lugares especiais para tudo que há na vida a se comemorar; sendo um espaço democrático onde é possível falar, prometer, acordar, jurar, mas também permite nada se levar a sério, negando ou contradizendo o que foi dito e acordado no dia anterior. Servem para alegrar, disfarçar o tédio, dissimular o sentimento ou aprofundar as mágoas

de muita gente e é setor obrigatório em qualquer clube, hotel ou zona boêmia de qualquer cidade⁴³.

II

Para os pudicos o bar é visto como um lugar marginal, embora os frequentadores o tenham como um espaço liberal e democrático, onde andam o rico e o pobre, o negro e o branco, o jovem e o idoso, o bebedor de cachaça manipulada e o degustador de *whisky* importado. Distribuídos pela cidade, a noite é a inspiração de quem os frequenta de sorte que, enquanto a cidade dorme, é nos bares, nos cabarés, nas salas de jogos e nos salões de dança, às vezes mal iluminados e impregnados pelo odor das bebidas e obscurecidos pela fumaça de cigarros, que emergem relações próprias de viver as aventuras da noite⁴⁴.

Estando lá sentado e bebendo, me atentei a observar as formas de comportamento dos diversos sujeitos que compunham o lugar, pude perceber grupos de homens que simplesmente conversam enquanto bebiam, outros que esqueciam a bebida e voltavam suas atenções para as garotas que ali estavam presentes (aliás belas garotas) se mostrando atenciosas, carinhosas, oferecendo aos homens carícias das mais diversas formas, até mesmo extrapolando os limites do pudor, realizando práticas seriam até então censuradas em outros ambientes. Pude perceber então uma questão que dominou meu pensamento, para que pudor?

O ambiente em si permitia a própria ausência de pudor, fato que pude perceber pela dança sensual que uma das garotas realizou encima das pernas de um de meus amigos, deleitando-se sobre os membros supracitados sem nenhum resquício de vergonha ou reprimenda, realizando o que podemos até mesmo chamar de ritual, um ritual de sedução, onde seu corpo podia ser tocado, acariciado e beijado nos mais diversos locais e das mais diversas formas, sem ambos se preocuparem com o seu anonimato, tal local em si proporciona a manutenção dessas práticas na presença de diversos olhares, porém olhares que quando se reconhecem optam por não reconhecer, mantendo-se um sigilo que é intrínseco ao ambiente, realizado de forma fidedigna e recíproca por quem frequenta tal espaço.

Percebe-se que o espaço do bordel pode ser visto não somente como um lugar onde homens vão à procura de mulheres para satisfazer seus desejos sexuais, mas como locais de realização de sociabilidades, pontos de encontro para conversação, para se beber e desfrutar de um ambiente que proporcione um agrado e também uma fuga da rotina pacata de espaços tidos como comuns, normais, de sociedade, proporcionando a fuga da cidade disciplinar,

⁴³ SÁ, Bernardo Pereira de. CARTOGRAFIAS DO PRAZER: Boemia e Prostituição em Teresina (1930-1970). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2006. P. 41.

⁴⁴ SÁ, Bernardo Pereira de. CARTOGRAFIAS DO PRAZER: Boemia e Prostituição em Teresina (1930-1970). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2006. P. 42.

cheia de regras, leis, condutas morais que privam tanto o homem, quanto a mulher, dos mais diversos prazeres.

Essas práticas e costumes são ampliadas, transformadas, alteradas e tem cada uma delas suas especificidades, essas que vão variar de acordo com os locais, as épocas e os próprios sujeitos, fato que podemos perceber aqui na cidade de Picos, onde temos fortemente presente tanto na atualidade como no passado a cultura do bordel.

Perguntado a um dos entrevistados sobre a cultura dos cabarés na cidade de Picos durante as décadas de 1950 a 1970, o mesmo nos responde:

Era, na época era forte era o único lugar tirando o Cine Spark aqui em Picos, que o cara ia para assistir o Cine Spark, ficava na sorveteria Apolo XI e o abrigo que era ali na praça Felix Pacheco, quando terminava era 21:00 horas, 22:00 horas, que era a última seção, era o local de você ir depois de 22:00 horas, eram para as bregas [...] tinha movimento de segunda a segunda, mais só que o bom mesmo era sexta, sábado e domingo. Na segunda tinha que era aberto e tinha, mais o movimento pesado mesmo era sexta, sábado e domingo.⁴⁵

Renato Duarte também nos expõe em eu livro PICOS: os verdes anos cinquenta, sobre esse costume de frequentar o meretrício. Sobre esse assunto o autor nos fala que:

(...) outro foco de intensa movimentação nas noites de sábado era o baixo meretrício, chamado de **cabaré, zona, frege, ambiente, as quebras, as bregas, engenho**. Quando a praça começava a se esvaziar a partir das 21 horas, iniciava-se a **descida**, pois **descer** era o verbo usado como sinônimo de “ir para baixo”, ou seja, de ir para o baixo meretrício. Como acontecia nas cidades interioranas, havia em Picos uma verdadeira economia e uma autêntica cultura do meretrício (...)⁴⁶

Como foi exposto no capítulo anterior a cidade de Picos ainda era muito pequena e provinciana, basicamente às 21 horas quando as luzes da cidade se apagavam, as pessoas se recolhiam em suas casas, os pais chamavam suas crianças e as moças casamenteiras para o resguardo de suas residências, para o lamento dos rapazes que ficavam ao entorno da praça olhando e admirando o passeio dessas, aproveitando a oportunidade de corteja-las.

Contudo a noite de Picos nas décadas de 1950, 1960 e 1970 não acabavam exatamente com o apagar das luzes do centro da cidade, assim que as mesmas sessavam, os rapazes, homens e senhores que compunham a sociedade e a população picoense, começavam a descida para os cabarés, como nos relatam as citações a cima.

⁴⁵ Senhor J. O. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2015. Esse senhor é dono de um pequeno bar em um bairro da cidade, grande frequentador dos meretrícios durante as décadas de 1960 e 1970.

⁴⁶ DUARTE, Renato. Picos os verdes anos cinquenta. Recife (PE): Liber, 1991. P. 65.

Nesse ponto as práticas meretrícias da pequena cidade do interior do Piauí se parecem muito com as descritas por Monteiro que realiza um estudo sobre as zonas meretrícias da cidade de Tianguá – CE nos anos que vão de 1950, início da zona até o seu fechamento em 2002.

Em meio a cidade em crescimento, o meretrício aparece como fator prevaiente em termos de lazer. Nesse sentido, o mundo da prostituição, considerado fator de diversão em cidade do interior, mediava a “venda” do corpo e outros deleites, que movimentavam os finais de semana.⁴⁷

Da mesma forma que a cancela na cidade de Tianguá a rua do Arame em Picos se torna em um verdadeiro polo atrativo para os divertimentos noturnos atraindo tanto a população masculina da cidade como das imediações. A expansão do meretrício em Picos o torna além de zona de divertimento, centro econômico dentro da cidade, marcado pela intensa movimentação e agitação dos bares e casas que constituíam os cabarés de Picos.

Então frequentar os bordeis na cidade de Picos é uma prática muito comum que vem se arrastando por épocas chegando até os dias atuais. Como demonstra Renato Duarte e o entrevistado, os divertimentos mais sociáveis da noite picoense estavam concentrados na região que abrange o centro da cidade e eram realizados pela juventude picoense na primeira parte da noite, indo no máximo até as 22:00 horas. Quando as moças, crianças e alguns rapazes mais novos resguardavam-se no interior de suas casas, aqueles homens adultos e jovens que tinham uma liberdade maior, direcionavam-se para o baixo meretrício, procurando saciar os prazeres da carne, deleitando-se madrugada a dentro com os regozijos e divertimentos que somente os cabarés proporcionavam.

Os cabarés eram espaços mistificados, arrodoados de construções imaginárias, frequentados por homens e também por rapazes menores de idade que conseguiam burlar a fiscalização feita pela polícia local, pratica possível justamente pelo corpo avantajado que alguns adolescentes tinham, facilitando a entrada dos mesmos nos bordeis. Sobre isso nos fala J. O.⁴⁸, quando perguntado com quantos anos começou a frequentar os ambientes dos bordeis, o mesmo nos diz:

Rapaz naquela época de 13 a 14 anos de idade, e o caba tinha que ir lá com medo da polícia, tinha que ir lá e demorar um pouquinho e conversar logo com a madame que já ficava uma pessoa de olho, quando a polícia vinha

⁴⁷ MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. TRILHAS E MEMÓRIAS DO MUNDO DA CANCELA. Vol. 2. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. 2005. P. 08.

⁴⁸ As iniciais J. O são fictícias e foram criadas a pedido do mesmo para preservar a verdadeira identidade do entrevistado.

você tinha que cair fora pular o muro ou então se esconder nos guarda-roupas, cair fora porque o cara de menor não podia ficar.⁴⁹

Senhor J. O. nos relata outro método muito usado pelos jovens que tencionavam burlar a fiscalização da polícia, ele constituía em trocar as identidades com a dos amigos que já eram maiores de idade, tática usada até mesmo para conseguirem acesso as seções noturnas de cinema, essas que ocasionalmente, em altas horas da noite, exibiam filmes pornográficos como nos conta J. O. “Como no Cine Spark a caba debreava⁵⁰ lá com identidade de outro e entrava [...] só podia entrar de maior. É assim, seção, é filme pornô depois de 18 anos de idade né”⁵¹.

O fato do cinema de Picos fazer a exibição de filmes adultos é um ponto interessante a ser analisado, como supracitado, na Picos das décadas de 1950, 1960 e 1970 tínhamos uma sociedade bem conservadora que prezava por rígidos padrões de respeito e conduta, como expõe J.O. na entrevista, algumas mulheres eram vistas nessas seções noturnas, conduta não aceita pelos padrões da sociedade da época, mesmo acompanhadas de homens.

Mulheres que eram encontradas nessas situações eram, de imediato, chamadas e caracterizadas como prostitutas, ou trazendo bem ao pé da letra como expõe J. O., de raparigas, fato que nos permite perceber o deferimento de comportamentos “ímorais” ou transgressores dos costumes por parte das mulheres, que deveriam ser resguardadas no ambiente do lar, mantendo-se puras e imaculadas.

O cuidado com as moças casamenteiras e com sua pureza e virgindade era incessante por parte dos pais, aliás a virgindade era um fator de extrema importância, devendo ser preservada na moça até o casamento. Na verdade, ao longo da história a virgindade sempre foi um assunto e condição que despertou o sentido dos homens, na Grécia Antiga foram erguidos verdadeiros mitos e ritos em torno da virgindade feminina que marcaram de maneira objetiva a cultura e a vida da sociedade grega, chega-se aqui a um antagonismo que marca as olimpianas. Primeiramente temos que entender que os nossos atuais conceitos de virgindade, como esclarece Yvonne Knibiehler, moldados pela cultura cristã não coincidem com as origens dos termos gregos e latinos, a palavra virgindade vem tanto do grego “parthenia”, quanto do latim “virginitas”. No Olimpo temos a presença de seis deusas, três delas mães e esposas e as outras três virgens por escolha, vista por esse ângulo a virgindade é como um

⁴⁹ Senhor J. O. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2015.

⁵⁰ Debreava, engabelava são expressões muito utilizadas na região e que nesse contexto significam enrolavam, enganavam.

⁵¹ Senhor J. O. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2015.

estado transitório, onde um dia a mulher chega ao casamento e depois a maternidade, basicamente encontra-se aqui a mesma noção mortal que é vista entre os homens em torno da condição do feminino.

Como Knibiehler fala virgindade e atividade sexual surgem então como duas categorias do feminino, assim como é presente nos homens e rapazes da cidade de Picos nas já citadas décadas, existia também entre os antigos um verdadeiro culto aos prazeres sexuais, entretanto é perceptível em ambos, temor em relação a sexualidade feminina e ao domínio imposto por ela. Nesse modelo de sociedade patriarcal e machista, entende-se que é necessária a imposição de limites a essa sexualidade e que essa função é de maior responsabilidade da mulher do que dos homens, ou seja, a responsabilidade pela inibição e contenção do desejo sexual fosse uma obrigação puramente feminina.

Dessa forma, a obrigação então das moças casamenteiras era inibir essa sexualidade que se extrapolada poderia ser prejudicial a sua imagem, ferindo a sua honra e a de sua própria família. Muitos são os casos relatados pelos entrevistados de moças que por perderem a virgindade passaram a ser recriminadas perante a sociedade, sendo evitadas por outras moças tidas como “donzelas”⁵² e desprezadas por rapazes e famílias tradicionais que não as viam mais como uma pretendente ao casamento. Quando perguntado aos entrevistados sobre essas moças os mesmos preferem não citar nomes, pois algumas delas com o passar do tempo, crescimento da cidade e a mudança dos costumes, casaram e por isso os entrevistados optaram por manter o anonimato dessas mulheres. Mas deixam claro que em muitos casos algumas dessas jovens rejeitadas pelos pais e demonizadas pela sociedade, terminavam encontrando refúgio e alento dentro dos bordeis, tornando-se prostitutas.

Foucault nos diz que com o advento da sociedade capitalista os debates sobre sexualidade passam a ser tratados de forma mais livre, porém como podemos perceber, quando olhamos para a cidade de Picos com a sua população tradicional, percebemos que os discursos acerca da sexualidade ainda são reprimidos. A prática em si do ato sexual era vista como ato de procriação ou vinculada ao matrimônio, onde era totalmente inaceitável pelos pais das moças mais jovens que suas filhas mantivessem relações sexuais antes do casamento.

Existia uma diferença entre prostitutas, esposas e moças de família. Começando pelas últimas, essas como já nos é conhecido eram para casar, durante os namoros, práticas hoje tidas como comuns, na época eram notadamente proibidas, namoros longe dos olhos vigilantes dos pais eram expressamente proibidos, a manutenção da virgindade era repassada

⁵² Palavra utilizada para e referir a moças virgens.

as moças como parte primordial de sua educação e pudor, então certas carícias, beijos, olhares e atitudes eram inaceitáveis nas relações e a obrigação de manter as ações do homem sobre controle deveria vir da mulher, claro nem sempre acontecia dessa maneira, haviam os casais que conseguiam fugir dos olhares dos pais e namorar com uma maior liberdade. As esposas deveriam ser respeitadas, como as donas do lar e responsáveis pela educação e cuidado com os filhos e maridos, então certas práticas sexuais mais liberais eram vistas como atos imorais e essas não deveriam permitir tais coisas nem mesmo com seus maridos. E por fim chega-se as prostitutas, as mulheres com quem os homens saciavam seus desejos e realizavam as fantasias que as moças virgens e esposas não podiam realizar, eram com elas que tais homens praticavam sua liberdade, saciavam seus mais insanos e intensos desejos sexuais, eram essas as mulheres que ouviam seus lamentos, praticavam seus desejos, davam-lhes muitas vezes carinhos e outras vezes terminavam se apaixonando.

As paixões por essas mulheres muitas vezes iam além de meros encontros nos bordeis e encantos passageiros, durante as entrevistas foram relatados que muitos homens da sociedade picoense chegaram a largar suas esposas e casarem-se com algumas dessas prostitutas. Um dos entrevistados o senhor F. C. nos fala de sua experiência com a sua atual esposa, antiga trabalhadora desses ambientes.

“Eu tirei uma minha, uma que hoje eu vivo com ela e é minha mulher, e eu tirei ela, andava nessa vida e hoje para mim é a melhor mulher do mundo que eu tenho {...} Foi, de dentro de um ambiente, eu tirei ela, eu conheci ela, era uma menina de 14 anos e eu achei que ela era a mulher ideal para mim e hoje eu estou com ela, tenho três filhos e já vivo a 17 anos com ela”⁵³.

Como podemos ver, essas relações podiam extrapolar os limites de meros acordos de trabalho entre frequentadores de bordeis e as mulheres que trabalhavam neles, como canta a música de Odair José “Eu vou tirar você desse lugar”, as visitas rotineiras ao bordel e o contato constante com essas mulheres terminavam desencadear paixões.

Olha, a primeira vez que eu estive aqui
 Foi só pra me distrair
 Eu vim em busca do amor
 Olha, foi então que eu lhe conheci
 Naquela noite fria, em seus braços
 Meus problemas esqueci
 Olha, a segunda vez que eu estive aqui
 Já não foi pra distrair

⁵³ Senhor F. C. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de Moura. Picos, 2015.

Eu senti saudades de você
 Olha, eu precisei do seu carinho
 Pois eu me sentia tão sozinho
 E já não podia mais lhe esquecer
 Eu vou tirar você desse lugar
 Eu vou levar você pra ficar comigo
 E não me interessa o que os outros vão pensar⁵⁴

Vemos então que essas simples idas até o bordel, para ser uma relação casual com essas mulheres, transformavam-se em amores que quebravam as barreiras sociais impostas pelas famílias que as consideravam como moral e imoral, aceito e socialmente não aceito. Frequentar os meretrícios para os homens, como vemos tão bem caracterizado na letra dessa canção, significava se distrair, esquecer os problemas cotidianos, buscar carinho nos braços quentes dessas mulheres calorosos e receptivas e em alguns, ou em muitos casos, parafraseando mais uma vez a canção “ir em busca do amor”, amores que se constituíam e cresciam com as idas constantes desses homens aos meretrícios e com os sentimentos que se nutriam a cada visita que faziam.

Julgar essas relações era comum pela sociedade, acostumada a demonizar as idas dos homens aos meretrícios, assim como demonizar a imagem dessas mulheres que lá trabalhavam, porém, o preconceito que é culturalmente construído em torno da imagem da prostituição impedia que a mesma sociedade que as julgava tivessem o mínimo de sensibilidade para tentar entender a histórias desses sujeitos que constituíam o meretrício. Falamos aqui de mulheres sofridas, como falam os entrevistados, por falta de oportunidade na vida ou por terem cedido aos encantos de homens e paixões avassaladoras entregaram-se de corpo e alma para seus amantes, abandonadas e por consequência dessa atitude expulsas de casa pelos seus próprios pais. Sem escolha, abandonadas pelas famílias e condenadas pela sociedade o caminho quase certo dessas mulheres era o bordel.

F. C. ainda nos conta que era muito comum os homens que se apaixonavam por essas mulheres criarem confusão quando elas, exercendo seu papel, atendiam outros homens, o próprio nos conta:

“É, e dava era morte, os caras matavam a nega, matava o cara que pegava a nega, tinha deles que iam para o quarto com a mulher e achava que a mulher era deles, no outro dia se pegasse com outro cara, aí ia matar o cara e matava a nega sabia, uns caras que nunca tinham visto mulher, que achava que eles era quem comandavam.”⁵⁵

⁵⁴ Música: Eu vou tirar você desse lugar. Composição de Odair José. 1972.

⁵⁵ Senhor F. C. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de Moura. Picos, 2015.

O bordel torna-se para essas mulheres uma nova casa e suas companheiras de profissão sua nova família, nesse espaço de trabalho também são divididos os conflitos, angústias e traumas que os transeuntes não conseguem observar, a luta diária dessas mulheres pela vida é deixada de lado e somente é visto o ambiente de práticas libidinosas, marginalização e sujeira.

A banalização do meretrício se dava principalmente pelo incomodo que esse passava a causar a cidade, sendo condenado pela igreja e famílias. A medida que a zona aumenta de tamanho e as meretrizes passam a ganhar mais visibilidade na cidade, as brigas e as práticas libidinosas de sexo que atentavam contra o pudor e atacavam a moral e os costumes passam a ser percebidas pela cidade, como esclarece Monteiro em seu artigo sobre o mundo da cancela, o meretrício com suas prostitutas, luxuria e perversões deveriam ser confinados para não agredir as pessoas de bem que perambulavam pelo centro.

Renato Duarte narra que até as visitas que as meretrizes faziam ao centro da cidade para realizarem suas compras tinham um espécie de programação, as mesmas preferiam subir ao centro ao sábado à tarde, período em que a feira estava mais fazendo, pois grande parte das chamadas senhoras da sociedade e as donas de casa faziam suas compras pela manhã, o outro momento era a segunda-feira, dia menos movimentado nas lojas da cidade, proporcionando as prostitutas mais liberdade para transitarem pelas ruas e também a possibilidade de visitarem a igreja, já que a ida as missas nos dias comuns apesar de não serem proibidas, poderiam causar grande constrangimento. A partir de tais relatos podemos perceber que existia uma grande segregação social imposta a esse grupo ou simplesmente, muitas vezes, as próprias por se enxergarem em uma condição de marginalização preferirem se manterem afastadas dos demais setores que compunham a sociedade.

Em meio a esse cenário um fato é relevante, nos dias de visita ao centro a caminhada das meretrizes até o mesmo chamava a atenção da população e dava movimento a pacatez do começo de semana na cidade. Como fala Renato Duarte:

A chegada ao centro comercial da cidade era a etapa final de um longo e triunfal desfile, que tinha como passarela principal a rua Grande⁵⁶. Em pequenos grupos, exibindo suas vistosas e provocantes indumentárias, o séquito subia calmamente a avenida, provocando as mais variadas reações: curiosidade ou malícia nos homens, constrangimento ou indignação nas chamadas “senhoras da sociedade”, a ponto de elas se recolherem ao interior

⁵⁶ Rua Grande era a principal rua que da cidade de Picos na época, atualmente denominada de Avenida Getúlio Vargas.

de suas casas, levando consigo as filhas, para que estas não presenciassem o espetáculo. Algumas donas de casa chegavam a fechar as portas e janelas das suas casas, mas era corrente que muitas delas, não contendo a curiosidade, ficavam espreitando o desfile através de persianas ou de providenciais frestas existentes nas portas ou janelas.⁵⁷

Outro aspecto marcante do meretrício que permeava o imaginário da população era o papel das madames, que eram as donas dos lupanares da cidade, o papel que exercia ia muito além do de empresárias, como ainda nos fala Duarte, essas eram vistas como “matriarcas, conselheiras e até juízas” dentro dos meretrícios, apresentando uma solução aos conflitos existentes nessas casas e fazendo o papel de grandes detentoras de poder, constituindo verdadeiras relações de amizade com seus clientes e frequentadores da zona. O próprio senhor J. O. nos fala que as relações de amizade com essas madames muitas vezes os beneficiavam, pois constituía-se ali uma relação de confiabilidade entre os clientes e as empresárias detentoras dos estabelecimentos conhecidos como cabarés.

Durante a realização da pesquisa houveram grandes dificuldades, uma delas já relatada aqui, foi a relutância em relatar as histórias de pessoas que vivenciaram as épocas referidas, principalmente mulheres que trabalhavam e viviam nesses bordeis. Outra grande dificuldade foi em relação ao trabalho com as fontes orais, como menciona Alessandro Portelli na obra *A Filosofia e os Fatos*:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia {...}, quer concorde responder a uma entrevista, aceite reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possa estar à disposição da filosofia de outros (nem sei capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse).⁵⁸

Dessa maneira deve-se manter um cuidado no trabalho com a história oral, não se pode generalizar as conclusões tiradas de um episódio individual, pois assim como o próprio indivíduo, suas memórias são subjetivas. O grande paradoxo consiste exatamente na transição do individual para o pessoal, que na medida em que a subjetividade constituiria seu próprio argumento, tornaria as fontes orais e as memórias em objetos inutilizáveis para a ciência. Portelli ensina que devemos separar a subjetividade das fontes e de seu observador do campo dos fenômenos estudados, para dessa forma apresentar fenômenos mais concretos e controláveis. A subjetividade então deixará de ser uma inimiga declarada para ser uma

⁵⁷ DUARTE, Renato. *Picos os verdes anos cinquenta*. Recife (PE): Liber, 1991. P. 66-67.

⁵⁸ PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Tempo, 1996. P. 02.

riqueza, pois sabendo que a subjetividade existe e é fator indestrutível dos seres humanos, cabe a nós traçar as regras para o bom uso desta. A narração de acontecimentos provenientes da memória de pessoas está vinculada a subjetividade dela e a maneira como essa interpreta um fato, este narrado a nós não pode constituir uma certeza absoluta, pronta e acabada, o que as fontes dizem pode não ter acontecido de maneira verdadeira, fidedigna, mas está sendo contada pelo entrevistado de maneira verdadeira, verídica; as memórias, portanto, são maleáveis, assim como os fatos, “A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”.⁵⁹

Essa característica é um produto da história oral, por esse meio científico a história e a narrativa coerente e total de um acontecimento ou fato, existe, percebe-se na maneira como os depoimentos dos entrevistados nessa pesquisa são dados, os acontecimentos descritos por eles são contados de maneira fragmentada assim como todo o acontecimento histórico, após as partes desses fatos são reunidos e transformados pela ciência histórica oral em um acontecimento único, linear e coerente.

2.1 A RUA DO ARAME: indisciplina, álcool, amor e sexo

“A noite é dos poetas das putas e dos que morrem de amor.”

Neilla Albertina

Parafraseando a poetiza para melhor adaptar a frase a essa realidade que aqui descrevo, posso dizer que a noite, assim como a doce madrugada que traz com sua penumbra o sigilo e os sussurros de prazer, pertence também aos boêmios, vagabundos, degustadores de cachaça, apreciadores de mulheres, todos esses que a transformam em sua mais fiel amante no gozo dos prazeres carnavais que só por ela podem ser proporcionados, é sobre esses prazeres que trataremos agora.

Fazendo-se uma comparação, a rua do arame em Picos pode ser vista como a Paissandu em Teresina, essa imortalizada por Bernardo em seu trabalho, é uma rua repleta de bordeis, casas noturnas que proporcionavam ao público masculino os mais diferentes tipos de prazeres. Em termos de movimentação e até mesmo de estrutura a rua Paissandu localizada na capital teve uma expressividade maior, porém nos limites de uma vida interiorana de uma cidadela que passava por um processo de crescimento, a rua do arame era o foco principal das

⁵⁹ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Tempo, 1996. P. 08.

sociabilidades masculinas durante a madrugada picoense, atraindo homens de todos os cantos da cidade, de todas as classes sociais e até mesmo credos.

Credos, pois apesar de muitos frequentarem o ambiente da igreja e saberem que a mesma mantinha uma postura contrária e repressora aos ambientes dos meretrícios, homens, pais de família, pessoas bem-conceituadas na sociedade frequentavam mesmo assim tais ambientes. Vale lembrar que a rua do Arame não configurava a única zona de prostituição da cidade de picos, essa zona de meretrícios também abrangia outras ruas que ficavam nas suas proximidades, como as ruas São Pedro e Coronel Raimundo Macêdo.



Fotografia 05 ruas São Pedro, um dos pontos de prostituição da cidade. Na fotografia pode-se perceber o local das antigas casas coloridas usadas como bordeis⁶⁰.

A rua do arame ficava localizada em uma região mais afastada do centro da cidade, conhecida também como pé do morro, local que hoje abrange as ruas são Vicente e uma confluência de outras pequenas ruas que foram formando-se à medida que a cidade crescia. A região constituía-se em uma periferia da cidade, local em que se concentrava a população mais pobre e que aos poucos foi se transformando também na zona do baixo meretrício.

Podemos ver esses espaços como um submundo integrado a cidade, um submundo que apesar de ser conhecido por todos é ao mesmo tempo rechaçado por aqueles que integram o que podemos chamar de cidade “moralizada”. Era um local um tanto suspeito para ser frequentado, mas que era ao mesmo tempo, como nos diz Duarte, um local que enchia de curiosidade o imaginário da população.

A rua do arame pode ser vista como um espaço de tensões em relação ao lar e aos espaços moralizados da cidade, são dois pontos extremos de uma polaridade que representa

⁶⁰ Fotografia do arquivo pessoa de Luis Yago Bruno de Moura. 10/06/2019.

para a vida dos homens o conflito entre o bem e o mal respectivamente, como Bernardo cita em seu discurso:

O lar seria o espaço saudável, do equilíbrio, da paz, da felicidade e da vida conjugal harmoniosa, elementos imprescindíveis à identidade masculina, vista assim principalmente pelos olhos da Igreja e do Estado, enquanto o bar e os outros lugares da noite, de inspiração boêmia, eram tidos como espaços de degeneração do caráter masculino, desviantes da boa conduta e gerador de doenças do corpo e da alma, que levava muitos a uma relação de dependência física e mental e a certos vícios, como o alcoolismo, o jogo, o prazer ilícito, o sexo pervertido⁶¹.

As zonas de prostituição podem então segundo essa perspectiva serem vistas e entendidas como locais propícios a atividades promiscuas, que comprometem a honra e a reputação do homem colocando em xeque a sua imagem de chefe familiar. Porém, segundo uma outra perspectiva de análise, pode-se ver a prostituição e as zonas que as constituem, como necessárias a própria manutenção da família, da ordem e a preservação da pureza e honra das moças de família, como expõe Medeiros:

Continuando nas minhas humildes considerações acho conveniente desde já levantar um solene protesto contra os que pensam que a prostituição deve ser banida. A sociedade moderna, ou antes, a lei consente-lhe essa degradação e proclama-a como uma necessidade, bani-la completamente, extingui-la, seria um erro ainda grave, pois que segundo uma voz autorizada, a prostituição, filha do deboche e do vício, corresponde aos ardores brutais dos sentidos. O que seria da moralidade social, se assim acontecesse, mormente na época atual em que parece nascer de todos os lados o entusiasmo e o ardor pelas orgias. O resultado seria o transtorno da ordem e da tranquilidade públicas. A meretriz é, pois, uma entidade indispensável⁶².

O ambiente dos bordeis então é assim repleto de singularidades, para a família é zona pérfida, local de putas e meretrizes, mulheres sem caráter, honra ou pudor, já para os boêmios da noite é local de diversão, de fuga da monotonia da vida cotidiana. E são justamente eles, os boêmios, que mais valorizam a noite e transformam a zona em seu reduto, os boêmios e a zona terminam por formar um par harmonioso, filhos da noite e da desordem, irmãos dos prazeres ilícitos e primos distantes dos espaços disciplinares da cidade.

⁶¹ SÁ, Bernardo Pereira de. CARTOGRAFIAS DO PRAZER: Boemia e Prostituição em Teresina (1930-1970). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2006. P. 43-44.

⁶² MEDEIROS, 1996, p. 155-6 In SÁ, Bernardo Pereira de. CARTOGRAFIAS DO PRAZER: Boemia e Prostituição em Teresina (1930-1970). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2006. P.67.

A rua do Arame transformava-se durante a noite em uma passarela dos prazeres, onde as prostitutas desfilavam e exibiam, como em vitrines, seus corpos sensuais e sedutores, atraindo os olhares dos boêmios e despertando os sentidos e desejos dos homens, fertilizando o imaginário daqueles que compunham a libidinosa madrugada picoense. Como nos conta o senhor F. C. lembrando as suas idas ao bordeis “as negas fazendo quase assim strip-tease nas calçadas [...] cada uma com um vestidinho assim curtinho e tal para mostrar, para ver se ganhava a concorrência”⁶³.



Fotografia 06 ruas do Aram antigo centro de prostituição da cidade de Picos nas décadas de 1950 a 1970⁶⁴.

A imagem acima mostra a rua do Arame, o mais movimentado e importante centro de prostituição da cidade de Picos. É justamente essa rua que era imaginada, mistificada, construída e desconstruída no imaginário da população de Picos da época, era nela que os corpos libidinosos, movidos pelos desejos de prazeres transgressores se viam livres para se mostrarem como realmente eram, era nessa rua que os prazeres psicológicos dos homens em possuir, tocar, morder, adentrar o corpo feminino e assim possui-lo num gozo sedento realizavam-se.

Como já dito antes o espaço do bordel, passível de muitas análises e múltiplas singularidades, companheiro constante do imaginário dos jovens e adultos, constituía-se como o centro de experiências diversas para o público masculino, pois como manifesta os relatos

⁶³ F. C. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de Moura. Picos, 2015.

⁶⁴ Fotografia do arquivo pessoa de Luis Yago Bruno de Moura. 10/06/2019.

dos entrevistados, as vivências de homens e mulheres nesses espaços, constituem algo que marca a vida dos mesmos através das lembranças e memórias das práticas ali realizadas. J. O. nos demonstra essas vivências através de suas memórias e lembranças, relatando algumas das aventuras que passou nas suas idas ao cabaré.

Rapaz só foi um dia que eu cheguei lá, e ai estava lá com a coisa tudim, e a polícia chegou e não tinha para onde eu correr, ai foi obrigado eu entrar para dentro o guarda-roupas e ai a nega⁶⁵ arrumou tudim e a polícia disse, ei quem está aí, a nega saiu de toalha e disse, não aqui não tem ninguém não, só tá eu trocando de roupa, e eu estava dentro do guarda-roupas, foi o maior medo que eu já passei na minha vida, quando a polícia saiu e tudo que a nega saiu lá fora e disse, já pode sair, agora vai embora porquê já foram embora e eu só fiz sair e cai fora⁶⁶.

As aventuras vivenciadas por esses rapazes em sua juventude nos ambientes dos bordeis, são imensuráveis e marcantes nas suas vidas. Um ponto que chama a atenção é o medo expresso pelo entrevistado da ação policial e isso se dá por um motivo, a ida de jovens menores de idade aos bordeis era expressamente proibida, porém muitos jovens, principalmente os que tinham um corpo mais avantajado, burlavam a patrulha da polícia e adentravam nos cabarés. Os jovens menores de idade que eram pegos, eram levados pela polícia para uma delegacia que ficava nas proximidades, essa conhecida na época como “boca de pau”, local que segundo o J. O. era extremamente temido pelos jovens, por ser de costume policial aplicar corretivos físicos nos detidos que eram levados até lá.

Mas como foi visto, a ação repressiva da polícia aos jovens que frequentavam os bordeis não era suficiente para afasta-los das zonas do baixo meretrício, isso porque a ida ao bordel era algo marcante para esses rapazes, era o que muitas vezes os distinguiam dos garotos. O frequentar o cabaré, o comer⁶⁷ a prostituta, era sinônimo de masculinidade, era basicamente um ritual de passagem que marcava a transição do menino, garoto, para o homem feito.

Sobre ser iniciado nos bordeis e quando isso acontece J. O nos esclarece:

Rapaz era naquela época de 13 anos a 14 anos de idade e o caba ainda tinha que ir la com medo da polícia, tinha que ir lá, tinha que demorar um pouquinho e conversar logo com a madame para já ficar uma pessoa de olho, quando a polícia vinha você tinha que cair fora, pular o muro ou então se

⁶⁵ O termo “nega” aqui é usado para se referir as prostitutas. A utilização do mesmo ainda é muito comum nos dias atuais na região para se referir a mulheres que vivem em meio a prostituição.

⁶⁶ J. O. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura. Picos, 2015.

⁶⁷ Comer refere-se a prática do ato sexual.

esconder em um guarda-roupas, sair fora porque o cara de menor não podia ficar {...} eu fui levado por um amigo e quem me levava era um de maior...⁶⁸

Quando perguntado sobre a perda da sua virgindade e se essa tinha ocorrido em um bordel J. O. nos fala “foi num brega mesmo com um medo da porra mais foi”⁶⁹. Essa questão do se tornar homem era sempre marcante entre os rapazes. Pode-se atribuir dois sentidos ao “ser homem”, num primeiro sentido o garoto que passa a frequentar o bordel passa assim a ser homem, homem adulto, feito e dessa forma aceito entre os demais, os mais velhos. Em um segundo sentido o garoto que mantém uma relação sexual, assume a sua masculinidade e faz jus a essa transando, possuindo, comendo a mulher, o garoto passa assim a ser homem através do ato sexual, por estar envolvido em uma prática sexual com o sexo oposto.

Dessa forma fica claro que para os padrões da época, o entendimento que se tinha de homem ultrapassava a esfera do ser adulto e definia papéis específicos nas relações de gênero, esse tinha que ser másculo e fazer valer essa sua masculinidade com o sexo oposto, ou seja, não bastava ser homem adulto, tinha que ser homem macho comedor de mulher.

Essa identidade nordestina começou de fato a ser melhor traçada no ano de 1924 com a criação do Movimento Regionalista e Tradicionalista encabeçado por Gilberto Freyre, que após voltar do Estados Unidos funda o Centro Regionalista do Nordeste, tal entidade que tinha por finalidade

Desenvolver o sentimento da unidade no Nordeste, há tão claramente características na sua condição geográfica e evolução histórica, e, ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos: sociais, econômicos, culturais.⁷⁰

É a partir dessa ótica que o tipo nordestino começa a ser claramente definido, como expõe Durval Muniz de Albuquerque:

O tipo nordestino começa a se definir mais claramente a partir dessa militância regionalista e tradicionalista. Este será definido, portanto, como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade “matriarcal”, afeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústico, ásperos, masculinos. O

⁶⁸ J. O. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de Moura. Picos, 2015.

⁶⁹ J. O. Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de Moura. Picos, 2015.

⁷⁰ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2ª ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 141.

nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava.⁷¹

Portanto, segundo essa perspectiva de Albuquerque o nordestino seria inventado com um sujeito capaz de afrontar as transformações históricas que aconteciam desde o começo do século e que colocavam em xeque o poder econômico e político na região, que eram vistas como feminizadoras da sociedade. Buscava-se então um resgate das masculinidades e virilidade que no passado deram a garantia de soberania política, econômica e social a essa região. Era intenção resgatar o patriarcalismo tanto nas relações familiares e entre os sexos, assim como na ordem social, era preciso a imagem de um homem viril, que lutasse contra essa feminização dos costumes que o mundo moderno, a cidade, a industrialização e a república traziam à tona. Era necessário a construção de uma imagem masculina capaz de lutar e superar o que as novas gerações não vinham demonstrando capacidade para fazer, por isso o nordestino vai assumir uma figura masculina, um macho por excelência capaz de defender a sua região da invasão de valores estranhos.

Podemos dizer que essa é a imagem que prevalecia como grande dominante na perspectiva masculina na região nordeste, podemos concluir também que a mudança nessa identidade regional nordestina está diretamente ligada as transformações que se atuavam nas relações de gênero, principalmente nas cidades e que podiam ser vistas como mudanças nos sexos.

O nordestino emerge, pois, como uma reação conservadora às transformações que ocorriam nos lugares que eram definidos social e culturalmente para homens e mulheres. O nordestino em seu nascedouro já seria uma figura reacionária em relação a qualquer mudança que pudesse ocorrer nas identidades e nos papéis que eram definidos para os gêneros. O nordestino será inventado como um macho por excelência, a encarnação do falo, para se contrapor a este processo visto como de feminização, penando como ameaçador, em última instância, para a própria região.⁷²

Fica óbvio então que existe uma relação direta entre masculinidade e o poder, a feminização dos espaços da cidade e do próprio espaço regional levaria a perda de poder, como diz Albuquerque, “a impotência”. O espaço do bordel então seria nessa estrutura criada umas das áreas de manifestações do poder masculino, aqui andam longe os discursos sobre as

⁷¹ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 150.

⁷² ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 151 e 152.

questões de gênero, pois o que seria válido é a demonstração da masculinidade, e os bordéis, portanto, nesse aspecto seriam os locais de afirmação e reafirmação da mesma. A imagem da mulher de certa forma seria também uma das fontes de afirmação desse poder, pois é no domínio masculino exercido diretamente no corpo da mulher que se constitui uma fonte de afirmação da masculinidade e a base das relações patriarcalistas que envolvem a sociedade.

Nessa perspectiva de criação da imagem de macho entorno do nordestino, muitas teorias foram criadas para tentar explicar como essa identidade se formou, procurando abranger suas características físicas, seus traços subjetivos e códigos culturais. O nordestino então seria um homem duro, rígido, áspero, macho e muitas vezes intransigente por que as próprias condições da natureza, a seca, a aridez do solo, criaram um homem particular, que apresenta uma índole, uma cultura e tradições particulares, marcada como explica Albuquerque “pela convivência com essa natureza áspera, árida, bruta, difícil, exigindo deste uma constante batalha pela vida”⁷³, o nordestino então seria um homem telúrico pela adaptação a uma natureza hostil e a luta contra o meio, combatendo a seca, enfrentando a sede e sabendo tirar alimento do solo árido. Esses homens “gerados na luta contra a natureza cruel, homens que eram em sua ferocidade, em sua selvageria, em seu barbarismo, em seu delírio, em sua loucura, espelhos da terra em que viviam”⁷⁴ e portanto, os verdadeiros machos por excelência.

As condições do meio nordestino criaram esses homens másculos e definiram o sinônimo de masculinidade dessas terras, formando suas atitudes e valores.

É esta natureza que também explicaria uma característica decisiva no nordestino, a de ser másculo, viril, macho. Só um macho poderia defrontar-se com uma natureza tão hostil, só com uma exagerada dose de virilidade se conseguiria sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspera, árida, rude; traços que se identificariam com a própria masculinidade. Por isso, até a mulher sertaneja seria masculinizada, pelo contato embrutecedor com um mundo hostil, que exigia valentia, destemor e resistência. Só os fortes venciam em terras assim. A masculinidade nordestina se forjara na luta incessante contra um meio em que apenas os mais potentes, os mais “membrudos”, os mais rijos, homens que nunca se vergavam, nunca amoleciam diante de qualquer dificuldade, conseguiam vencer. Os homens fracos, débeis, delicados, impotentes, frágeis, afeminados não teriam lugar numa terra assim, não sobreviveriam. Ser macho era, pois, a própria natureza do nordestino. Seria no espelhamento do mundo natural que estes machos hiperbólicos se haviam formado. Se a masculinidade representa o espírito

⁷³ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 165-166.

⁷⁴ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 168.

guerreiro, da luta, o nordestino sugira de uma luta particular, uma luta que o singularizava, a luta contra as intempéries da natureza, a luta contra a natureza feroz. {...}⁷⁵

Outra abordagem apresenta esse sujeito nordestino como um homem rústico, rude, bruto, o que seria uma condição mais de fruto de uma hereditariedade cultural do que racial.

O nordestino, portanto, fruto de uma história e uma sociedade violenta, teria como uma de suas mais destacadas características subjetivas a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações. A literatura de cordel e outras manifestações literárias da região, a partir dos anos 20, não cansam e decantar homens valentes que conseguem resolver as mais difíceis situações por uma atuação pessoal e individual. Coragem e um apurado sentido de honra seriam características constituintes destes homens, que não levariam desaforo para casa. Homens que prefeririam perder a vida do que perder a honra, serem desfeiteados publicamente. Entregar-se à prisão seria o supremo opróbrio para homens que preferiam morrer lutando. A própria posse da arma era uma questão de honra, símbolo máximo de sua liberdade pessoal, e só a marte os fazia entregar as armas para quem viesse toma-las.⁷⁶

Portanto é a própria história da região, que exigia sujeitos fortes, valentes e corajosos que não recuassem diante das adversidades, que lutavam contra a natureza dura e implacável, sujeito que não tinha medo de ver seu sangue escorrer pelas mãos e muito menos derramar o sangue de seus inimigos, cabra da peste que matava e morria em defesa de sua honra, definiriam as características que constituíam a masculinidade dos homens destas terras, homens e mulheres fortes, para quem fragilidade e covardia não existiam.

Voltando-se para os bordéis da cidade, os espaços desses não se constituíam de ambientes muitos sofisticados, basicamente eram pequenas casas que contavam com um salão utilizado como área de dança para aqueles rapazes mais desenvolvidos e também bar, onde os clientes podiam sentar-se com os amigos e moças para conversar e acertar detalhes de programas, no fundo dessas residências, ficavam alguns quartos que eram usados pelas prostitutas para atender clientes. No decorrer dessas décadas muitos meretrícios foram criados na cidade, contudo alguns são citados com maior frequência pelos entrevistados como o Bambolê, como era chamado o brega da Cizinha, Maria Ganchão e Zé Maozinha, Ana Preta e Assis que era o do Priquito Ventilado.

O cabaré não era apenas um ambiente envolto em promiscuidade, era um ponto de encontro dos amigos, que iam até lá beber, conversar, admirar belas mulheres bem vestidas e

⁷⁵ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 172.

⁷⁶ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013. P. 176.

perfumados que além de bem atendê-los, podiam lhe dar caricias e os prazeres do sexo livre. A grande movimentação dos bordeis na cidade dava-se principalmente pela falta de opções de clubes, bares ou outros estabelecimentos, depois que as luzes da cidade se apagavam as vinte e duas horas, o centro da cidade morria, era envolto na penumbra e na morbidade, bares, sorveterias se fechavam, a população adentrava para as suas casas, então, o único divertimento que restava eram os meretrícios na rua do Arame que fervilhavam madrugada adentro com música ao vivo, bebedeiras, sexo e conversas entre amigos. A cidade disciplinava para o seu descanso e dava lugar a pulsante e agitada vida das margens indisciplinadas.

Outro ponto que chama a atenção é para a higienização dos corpos após o ato sexual que se assemelhavam as que eram realizadas em alguns bordeis de Teresina como conta Bernardo na cidade de Tianguá e o estudioso Monteiro nos revê-la quando resgata as memórias do mundo da cancela. Basicamente as meretrizes e clientes faziam uso de uma pequena vasilha com água e uma barra de sabão para se higienizar após o sexo, essa precária higienização do corpo, associada a desinformação e a falta de métodos preservativos como uso da camisinha, constituíam alguns dos fatores que causavam o grande índice de contaminação por doenças venéreas, no caso da cidade de Picos, era um fator de maior complexidade até mesmo pela precária saúde ofertada no município, contando com poucos médicos e recursos escassos para tratamento de saúde.

Por mais que o bordel fosse atrativo com todas as possibilidades de diversão encontradas no mesmo, o medo de contração de doenças do mundo, como eram comumente chamadas as doenças venéreas, era alta entre os homens que frequentavam tais espaços. F. C. nos fala que as relações sexuais eram feitas na sua grande maioria sem o uso de preservativos, fato que terminava ocasionando o contágio de doenças, o próprio nos relata que perdeu as contas das vezes que contraiu gonorreia, inclusive algumas vezes passando para a sua esposa.

A existência do meretrício na cidade de Picos foi marcante, muitos são os paralelos criados entre bordel e cidade, sem mencionar todos os conflitos que existem entre esses dois extremos. Temos uma confluência de fatores que se emaranham em uma teia política, social, cultural e memorialística e citando a memória, é justamente a presença dessa que nos permitiu resgatar um pouco das vivências desses homens e mulheres que transformaram do lupanar as suas casas, pontos de encontro para conversação, abrigo quando não tinham mais para onde ir e no caso de muitos homens, ambientes responsáveis por lhes oferecer, muitas vezes, amores que perduraram pelas décadas afim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma cidade é sempre marcada por subjetividades, não seria para mim interessante apenas fazer um mapeamento da cidade disciplinar, da moral e dos bons costumes de Picos nessas décadas. A intenção deste trabalho foi mostrar a subjetividade presente nos diversos sujeitos presentes nessa cidade, dando voz aqueles que geralmente são silenciados por sua condição de vulnerabilidade maior. A cidade vista de cima com seus discursos morais, pudores e costumes, mostrando uma população assexuada e sem desejos ou libido não era suficiente aqui para retratar todas essas contradições presentes na sociedade, analisar somente um lado seria continuar deixando no esquecimento esses sujeitos tão relegados pela história.

Direcionei meus olhares então para aquilo que não pode ser falado, dito, conversado, para o imoral, o censurável, o condenável e o que muitas vezes envergonha. Nesse caminho tortuoso pude perceber que ao cair da noite, aqueles que buscam saciar seus prazeres saem adentrando a noite resignificando as suas ações, mudam completamente as suas facetas, travestem-se de uma nova roupagem, nesses espaços relegados as margens e distantes dos olhares da sociedade esses sujeitos assumem novas identidades. Pais de família que preservam a ferro e fogo a honra de suas quase que sagradas filhas, se deleitam a noite nas camas de prostitutas por vezes pouco mais velhas que suas descendentes, uma contradição grande, pois aqueles que são vistos como detentores da moral são os mesmos a frequentar tais ambientes.

A noite com suas atrações atribui as pessoas e objetos outros significados, e assim pode-se perceber a cidade noturna como um campo vasto de subjetividades e significados. Uma cidade que vai desde o romantismo dos passeios entre os casais de mãos dadas nas praças e abraços envergonhados em cinemas, a locais ilícitos e sujos de práticas pífidas.

As décadas que vão de 1950 até 1970 foram marcantes para a população da cidade de Picos, certamente a carga memorialística desses tempos jamais deixaram que esses anos verdes dourados da história do município fossem esquecidos. Impossível apagar da memória as rodas de conversa e bebedeiras no Bar do Pipoca, os bailes de carnaval, os shows de calouros, os banhos de rio, os passeios das moças na Praça Félix Pacheco e claro, as noites nos meretrícios.

É relevante aqui não somente a riqueza das memórias dessa gente, mas o lugar de cada um na sociedade, vemos uma grande discriminação e segregação daquelas que viviam no meretrício, mulheres que muitas vezes não eram vistas como seres humanos e rechaçadas pela sociedade; no que tange as senhoras percebemos que essas ocupam um aposição de

submissão, onde não detinham nenhum papel de destaque maior, Picos, na verdade, constituía-se em uma cidade patriarcalista, masculinizada e machista, condições presentes no próprio processo e formação da identidade do nordestino, até as mulheres absorvem tais características.

FONTES E REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. 2º ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

ARAÚJO, Maria Domini Leopoldo Lélis de. *Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura*. Picos, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A INVENÇÃO DO COTIDIANO: as artes de fazer*. 3º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DUARTE, Renato. *PICOS os verdes anos cinquenta*. Recife (PE): Liber, 1991.

F. C. *Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura*. Picos, 2015.

FOUCAULT, Michel. *HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I: a vontade de saber*. 13º Ed. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1999.

J. O. *Depoimento concedido à Luis Yago Bruno de moura*. Picos, 2015.

JOSÉ, Odair. *Eu vou tirar você desse lugar*. 1972.

LEAL, Firmino Libório (org). *Vozes da Ribeira: crônicas*. Edição do autor. Bocaina, 2008.

MONTEIO, Francisco Gleison da Costa. *TRILHAS E MEMÓRIAS DO MUNDO DA CANCELA*. Vol. 2. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. 2005.

OLIVEIRA, Karla Íngrid pinheiro de. *A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *CIDADES VISÍVEIS, CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES IMAGINÁRIAS*. Revista Brasileira de História, vol. 27, núm. 53, janeiro-junho, 2007.

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Tempo, 1996.

SÁ, Bernardo Pereira de. *CARTOGRAFIAS DO PRAZER: Boemia e Prostituição em Teresina (1930-1970)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2006.

SANTOS, Avacir Gomes dos. *DEUS E O DIABO NA TERRA: cidades como espaços possíveis das práticas desviantes*. Mercator – volume 8, número 17, 2009. P. 109. Disponível em: <http://www.Mercator.Ufc.br/index.php/mercator/article/view/File271251>. Acesso em 09/12/2014 as 02:20 AM.

SCOTT, Joan. *GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA*. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Amid Lago Bruno de Moura,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A RUA DOS PRAZERES: MASCULINIDADES, Lazer E PROSTITUIÇÃO
EM PICOS NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 04 de SETEMBRO de 20 19.

Amid Lago Bruno de Moura
 Assinatura